



MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS
PROGRAMA EM REDE NACIONAL/ PROFLETRAS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA

MICHELLE FRAGOSO SANTOS

**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA
DE APLICAÇÃO DA GRAMÁTICA DE MARCOS BAGNO EM UMA TURMA DE
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA RURAL EM PALMEIRANTE – TO**

(Verbos: Flexão de pessoa e número)

Araguaina
2015

MICHELLE FRAGOSO SANTOS

**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA PROPOSTA
DE APLICAÇÃO DA GRAMÁTICA DE MARCOS BAGNO EM UMA TURMA DE
ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA RURAL EM PALMEIRANTE – TO**

(Verbos: Flexão de pessoa e número)

Dissertação apresentada ao Programa em Rede Nacional/Profletras, da Universidade Federal do Tocantins, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

Araguaina

Agosto – 2015

S562g Santos, Michelle Fragoso

Gramática pedagógica do português brasileiro: uma proposta de aplicação da gramática de Marcos Bagno em uma turma de ensino fundamental de uma escola rural em Palmeirante - TO /Michelle Fragoso Santos.-- Araguaína: [s. n], 2015.

88f.; il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira

MICHELLE FRAGOSO SANTOS

**GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UMA
PROPOSTA DE APLICAÇÃO DA GRAMÁTICA DE MARCOS BAGNO EM
UMA TURMA DE ENSINO FUNDAMENTAL DE UMA ESCOLA RURAL EM
PALMEIRANTE – TO**

(Verbos: Flexão de pessoa e número)

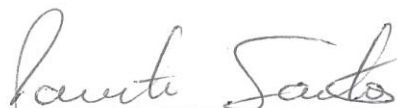
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Araguaina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre, sob orientação do Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira.

BANCA EXAMINADORA

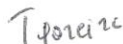
Araguaina (TO), 26 de agosto de 2015.



Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira.
Orientador



Prof. Dr.ª Janete Silva dos Santos (UFT)
(Titular – Membro Interno)



Prof. Dr.ª Tânia Maria Moreira (UNIFESSPA)
(Titular – Membro Externo)



Prof. Dr.ª Luiza Helena Oliveira da Silva (UFT)
(Suplente)

A Deus, pela força que me trouxe até aqui;

À minha família que entendeu os momentos de ausência e me apoiou no trilhar dessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, pelas grandes contribuições dadas a este trabalho;

Aos professores da banca de qualificação e defesa;

Aos professores e colegas do Profletras, em especial à Luzinete Macedo, que além de amiga foi conselheira em todas as fases da escrita desse trabalho;

Ao meu filho e esposo, uma das motivações para que eu chegasse ao fim dessa jornada;

Aos meus pais que me acolheram em Araguaina como bons pais que são;

À minha cunhada Rosirene e minha sogra Marisa, que também foram mães do meu filho durante esses dois anos.

“Um dia cheguei atrasado e dei a desculpa de que o relógio lá de casa estava "azangado". Aí o mestre entortou o canto da boca e enrugou o couro da testa e derreou a cabeça e ficou muito tempo assim de esquelha figado em mim, depois estralou: - O relógio está o quê?!!

Vivi até hoje empenhado na peleja mais dura, com o viso de me acostumar a falar de acordo, e não sou capaz. Em estando muito prevenido é que às vezes dou conta de puxar mais ou menos os efes e erres, assim mesmo sujeito a desastrosas silabadas...”

(Carmo Bernardes)

RESUMO

Neste trabalho, apresentamos os resultados de um projeto de intervenção realizado com alunos de uma escola da zona rural de Palmeirante, norte do Estado do Tocantins, no qual buscamos conhecer e aplicar a proposta apresentada na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno. Nessa gramática, o autor propõe que o aluno tenha oportunidade de perceber a gama de possibilidades de usos da língua, bem como se conscientizar que os conhecimentos gramaticais normativos são importantes para sua formação. Nessa perspectiva, essa pesquisa do tipo pesquisa-ação e de cunho qualitativo se valeu de atividades desenvolvidas com os alunos como também de questionário respondido por eles. Dessa forma, nosso objetivo foi constatar as vantagens e desvantagens que a proposta da *Gramática Pedagógica* oferece em relação ao ensino-aprendizagem da sintaxe do Português Brasileiro. A partir do projeto desenvolvido concluímos que não é possível aplicar, em todos os conteúdos gramaticais e na íntegra, o que Bagno propõe, entretanto, acreditamos ser interessante a nomeação de um ou dois conteúdos gramaticais a cada ano letivo, restringindo a aplicação da proposta a esse conteúdo em forma de projeto. Assim, o professor teria a oportunidade de mostrar aos alunos as mudanças linguísticas, como também proporcionar uma reflexão em relação à língua e seus usos.

Palavras chaves: Ensino; Gramática normativa; Gramática pedagógica.

ABSTRACT

In this work, we show the results of an intervention proposal carried out with students of a school from a rural place, north of Tocantins state, in which we know and apply the proposal shown in Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, by Marcos Bagno. In this grammar the author proposes that the student has the opportunity to notice the possibilities of language uses, as well as to become aware that the knowledge of normative grammar is important for their formation. In this perspective, this research of action-research and was qualitative was made from exercises developed with the students and too questionnaire answered by them. In this way, our objective was to notice the advantages and disadvantages that Gramática Pedagógica propose offer in relation to teaching-learning of the Brazilian Portuguese syntax. From the project developed we concluded that it's not possible to apply, on all grammar content and full, what Bagno proposes, however, we believe it's interesting to appoint one or two grammar contents for year, restricting the proposal to apply to this content in project form. In this way, the teacher would have the opportunity to show to students the linguistic changes, and to provide a reflection in relation to use of the tongue.

Keywords: Teaching; Normative grammar; Educational Grammar.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Repartição das classes gramaticais na Gramática de Marcos Bagno.....	23
Quadro 2 – Definições do verbo.....	31
Quadro 3 - Marcação de pessoa e número nas frases.....	48
Quadro 4 – Exercícios sobre conjugação de pessoa e número dos verbos.....	49
Quadro 5 - Pessoas do discurso e pessoas gramaticais.....	51
Figura 1 – Representação de paradigmas verbais.....	34
Figura 2 - Demonstrativo de monitoramento estilístico.....	35
Figura 3 – Tabela com a conjugação de pessoa e número dos verbos.....	60
Atividade 1 – Exercício de fixação.....	62
Atividade 2– Texto crônica.....	63
Atividade 3 – Folheto litúrgico.....	65
Atividade 4 – Trechos novela.....	66
Atividade 5 – Trechos debate político.....	68-69
Tabela 1- Flexões de pessoa e número nas formas clássicas e usuais.....	64
Tabela 2- Flexões de pessoa e número nas formas clássicas e usuais.....	67
Tabela 3- Flexões de pessoa e número nas formas clássicas e usuais.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GPPB – Gramática Pedagógica do Português Brasileiro

LP – Língua Portuguesa

NURC - Norma Urbana Culta

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PB – Português Brasileiro

TGP - Tradição gramatical do Português

VGB - Vernáculo geral brasileiro.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1.A PROPOSTA DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE MARCOS BAGNO	15
1.1 A proposta da gramática	15
1.2 É pedagógica mas pode ser didática.	19
1.4 O outro lado da moeda: críticas à gramática de bagno.	24
2.A PROPOSTA DE ENSINO DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ENSINO DA FLEXÃO VERBAL DE PESSOA E NÚMERO.	28
2.1 Considerações sobre ensino da gramática funcional	28
2.2 Os verbos na Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.....	30
2.3 O ensino da flexão verbal (pessoa e número) na perspectiva da <i>Gramática Pedagógica do Português Brasileiro</i>	33
3. O ENSINO DE FLEXÃO VERBAL NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA NORMATIVA.	40
3.1 Considerações sobre ensino da gramática normativa.....	40
3.2 Considerações sobre o ensino dos verbos na gramática normativa	41
3.3 O ensino da flexão verbal (pessoa e número) na perspectiva da gramática normativa e livros didáticos.	45
4. O PROJETO E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DE INTERVENÇÃO, VERIFICANDO AS VANTAGENS OU DESVANTAGENS DA PROPOSTA DA GRAMÁTICA DE BAGNO.	53
4.1 Dados gerais da proposta de intervenção	53
4.1.1 Justificativa	53
4.1.2 Objetivos	54
4.1.3 Metodologia.....	55
4.2 A experiência vivenciada no projeto de intervenção	57
4.3 Questionário avaliativo: perspectivas dos alunos quanto às atividades realizadas em sala de aula	71
4.4 Verificando as vantagens ou desvantagens da proposta da gramática de bagno.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

INTRODUÇÃO

No presente trabalho estudamos e aplicamos a proposta metodológica da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, desenvolvida pelo linguista e filólogo Marcos Bagno, em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola da zona rural no município de Palmeirante (TO). Como professora de Língua Portuguesa, percebo, por parte dos alunos, reclamações em relação às aulas de Língua Portuguesa. Quando o assunto é o ensino da gramática e suas normas tais reclamações se intensificam, sendo grande a rejeição manifestada em sala de aula para com este estudo, visto que a gramática estabelece normas e regras consagradas por grandes escritores, que, em grande parte, distanciam-se das normas de uso social, consagradas pela maior parte dos usuários da língua.

Dessa forma, nosso objetivo foi verificar as vantagens e desvantagens que a proposta da *Gramática Pedagógica* oferece em relação ao ensino-aprendizagem da sintaxe do Português Brasileiro, bem como a receptividade, aceitação, a aquisição e a aprendizagem do conteúdo proposto e, principalmente, a funcionalidade desse aprendizado para os alunos participantes do projeto de intervenção.

Ministramos aulas de conteúdo gramatical, especificamente voltado para a flexão verbal de pessoa e número de alguns verbos. As aulas foram ministradas a partir de duas perspectivas gramaticais: em um primeiro momento, o conteúdo foi ministrado a partir da perspectiva da gramática normativa e tradicional; após isso, o mesmo conteúdo foi ministrado a partir da perspectiva da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, que, segundo o autor, parte do uso real da língua, de usos consagrados pelos falantes e das variações linguísticas do Português Brasileiro: “Já passou da hora de reconhecermos a legitimidade das variantes linguísticas há muito plenamente implantadas nas variedades urbanas de prestígio” (BAGNO, 2014, p. 96).

A proposta foi realizada em 26 (vinte seis) aulas/hora, na turma acima mencionada, na qual regíamos a disciplina de Língua Portuguesa desde o início de 2014. Ressaltamos que a proposta aqui apresentada pretendeu aplicar, em caráter experimental, uma proposta de gramática voltada para o ensino, especificamente da flexão verbal de pessoa e número de alguns verbos, na perspectiva de uso real da língua, apresentando, assim, uma nova possibilidade de aprendizado dos conteúdos gramaticais.

No primeiro capítulo, expusemos a proposta da Gramática Pedagógica do Português Brasileiro, apresentando seus pressupostos e objetivos. Apresentamos, também, críticas tecidas à gramática aqui em questão, apresentando opiniões daqueles de discordam das ideias e propostas de Marcos Bagno.

No segundo capítulo, fizemos um estudo da proposta de ensino de flexão verbal de pessoa e número a partir da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, expondo, em um primeiro momento, como os verbos são apresentados de forma geral na referida gramática.

Já no terceiro capítulo, exibimos um estudo sobre o ensino de flexão verbal na perspectiva da gramática normativa; para tanto, o referido conteúdo é exposto a partir de duas gramáticas consideradas normativas e tradicionais, como também a partir dos dois últimos livros didáticos adotados pela rede municipal de ensino de Palmeirante/TO, para a segunda fase do Ensino Fundamental.

No quarto, e último capítulo, esboçamos a proposta do projeto de forma detalhada e, em seguida, passamos para as considerações das atividades realizadas nas aulas, mostrando os resultados da experiência de pesquisa vivenciada, observando os aspectos produtivos ou não no que se refere à adoção da metodologia de ensino da gramática na perspectiva da *Gramática Pedagógica*.

1. A PROPOSTA DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO DE MARCOS BAGNO

A partir da segunda metade do século XX, começou a se intensificar, no Brasil, um movimento de novos estudos linguísticos voltados para o funcionamento da língua, sendo esses estudos propagados principalmente nas duas últimas décadas, com a publicação de diversos trabalhos de pesquisa voltados para o estudo investigativo do funcionamento da linguagem. A partir de uma visão funcionalista da linguagem, podemos definir a língua como algo dinâmico, sujeito a variações e mudanças, de acordo com Fragozo (2003, p. 1):

Um dos objetivos principais da abordagem funcionalista é verificar o modo como determinada língua é usada por seus falantes para fins de comunicação, ou seja, as funções por ela exercidas a fim de atingir os seus próprios propósitos e intenções no momento da enunciação.

Vemos, então, que a visão funcionalista aborda as variações linguísticas como algo a ser aceito e respeitado, reconhecendo assim a sua legitimidade. Entre os linguistas e filólogos em atividade, podemos destacar o nome de Marcos Bagno, e, ao ler a definição de um dos objetivos da abordagem funcionalista, logo nos lembramos das obras desse autor. Bagno comunga da ideia de uma língua que muda constantemente e que tais mudanças são efetivadas por seus falantes e usuários, legitimando-as.

È com esse pensamento, de uma língua viva e mutável, que Bagno lança, em 2011, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* (GPPB), nela, o autor reafirma todo seu pensamento de respeito às variações linguísticas, adotando como perspectiva geral o pensamento funcionalista e variável das línguas, numa gramática que estuda os fenômenos de uma norma viva de usos reais e habituais “é dessa norma real, habitual, normal, que vamos tratar nesse livro” (BAGNO, 2011, p. 33). Veremos, a seguir, alguns pontos julgados mais relevantes em relação à proposta da GPPB.

1.1 - A PROPOSTA DA GRAMÁTICA

Bagno afirma que o principal objetivo de sua gramática é auxiliar a formação docente, e, ao eleger os professores como leitores potenciais dessa gramática, Bagno a define como uma gramática pedagógica, voltada para auxiliar na tarefa de reflexão sobre a

língua e a linguagem em sala de aula (BAGNO, 2011, p. 26), propondo, assim, um ensino voltado para o uso real da língua e aproximando o aprendizado escolar das práticas reais de uso.

Por isso, partindo da convicção de que não se deve fazer um ensino explícito, técnico e taxonômico de gramática na educação básica, esse livro tem, primordialmente, no seu horizonte de leitores potenciais, **as professoras e professores** em formação ou já formados que exerceram o magistério no ensino fundamental e/ou médio e na educação de jovens ou adultos, ou que se preparam para essa tarefa [...]. (BAGNO, 2011, p. 20) **[grifos do autor]**.

Mesmo elegendo a gramática alvo deste estudo, como uma gramática pedagógica, pois foi pensada para colaborar com a formação docente, Bagno (2011, p. 13-14) enumera outras características que a GPPB possui quanto aos seus pressupostos teóricos:

- é uma **GRAMÁTICA**, na medida em que pretende examinar e descrever o funcionamento de uma língua específica, **o português brasileiro contemporâneo**;
- é **PROPOSITIVA**, porque não se limita a descrever ou a expor o português brasileiro, mas propõe efetivamente a plena aceitação de novas regras gramaticais que já pertencem à nossa língua há muito tempo e, por isso, devem fazer parte do ensino sistemático da língua;
- é **PEDAGÓGICA**, porque foi pensada para colaborar com a **formação docente** que, no Brasil, é reconhecidamente falha e precária. Nossos cursos de Letras [...] deixam de oferecer aos estudantes uma série de conhecimentos fundamentais enquanto, por outro lado, desperdiçam tempo com a transmissão de conteúdos irrelevantes para quem vai exercer a profissão docente;
- é um projeto **EPISTEMOLÓGICO**, porque traz explícita uma **teoria do conhecimento**, destinada a fundamentar os posicionamentos francamente assumidos ao longo de todo o texto;
- é **POLÍTICO-IDEOLÓGICA**, porque é um produto humano e não existe produto humano que não se configure, consciente ou inconscientemente, como uma tomada de posição política inspirada por uma ou mais ideologias; o mito da ciência “neutra” não tem mais lugar na era em que vivemos. Assim, essa obra milita a favor do conhecimento do português brasileiro com uma língua plena, autônoma, que deve se orientar por seus próprios princípios de funcionamento e não por uma tradição gramatical voltada exclusivamente para o português europeu literário antigo;
- é **TEÓRICA**, na medida em que discute, refuta ou abraça propostas anteriores de descrição da língua e em que propõe novas análises, definições e conceitos;
- é **HISTÓRICA**, porque rejeita a tradicional separação entre diacronia e sincronia e assume o fenômeno linguístico como eminentemente **pancrônico, variável e mutante**. Desse modo, o recurso às transformações ocorridas na(s) língua(s) ao longo do tempo é indispensável para o (re)conhecimento preciso do que ocorre aqui e agora. (BAGNO, 2011, p. 13 – 14) **[grifos do autor]**

Todos esses pressupostos são apresentados por Bagno antes mesmo da introdução, numa seção intitulada por ele de “*aviso aos navegantes*”; o autor objetiva com isso esclarecer aos leitores as principais características da GPPB, evitando assim futuros mal-entendidos e cobranças do que não foi prometido (BAGNO, 2011, p. 13). Após essa colocação, ele apresenta, na introdução, vários tópicos relevantes em relação ao trabalho produzido, iniciando com suas considerações sobre o espaço que se deve dar à reflexão sobre a língua e linguagem em sala de aula, que, segundo ele, deve ser feita sem a necessidade de se recorrer à nomenclatura, permitindo assim uma atividade de uso-reflexão-uso.

Ainda, no sentido de se dirigir especificamente aos professores, Bagno classifica também sua gramática de “*primeira gramática propositiva de uma pedagogia do português brasileiro*”. Há de salientar que o autor ressalta o caráter propositivo de sua gramática, visando à conscientização de professores e professoras dos principais traços característicos do Português Brasileiro, criando, assim, um novo senso comum em relação à língua e à linguagem. Segundo Bagno, o caráter propositivo da *GPPB* se justifica por “produzir um novo senso comum, trazer à tona, no nosso caso, uma língua até então tácita ou recalcada de todo um grupo” (BAGNO, 2014, p. 95). O autor afirma, ainda, que a *GPPB* propõe:

Fazer uma *descrição* da realidade sociolinguística do português brasileiro contemporâneo para, fundamentando-se nela, sugerir que as características lexicogramaticais já há muito tempo fixadas nas *variedades urbanas de prestígio*, faladas e escritas [...] sejam o verdadeiro objeto de uma pedagogia de língua materna sintonizada com os avanços da pesquisa linguística e das ciências da educação [...]. (BAGNO, 2014, p. 95)

Por se tratar de uma gramática “pedagógica” e “propositiva”, Bagno salienta que isso acarreta algumas posições eminentemente políticas das quais seus leitores têm que tomar consciência (BAGNO, 2011, p. 21):

- considerar o **português brasileiro** como uma **língua plena e autônoma** (e não como uma “variedade” do português europeu), dentro de um grupo de línguas que vou chamar aqui de *portugalego*;
- assumir como **válido, aceitável e correto** todo e qualquer uso linguístico que já esteja plenamente incorporado ao **vernáculo geral brasileiro**, falado e escrito, conforme uma vasta exemplificação da língua viva que nos esforçamos aqui em apresentar;
- assumir, graças ao conhecimento desse vernáculo geral, a existência de uma **norma urbana culta real**, radicalmente distinta da norma-padrão clássica, ideal, prescritiva e totalmente desvinculada dos usos autênticos do PB;
- postular **que o ensino de língua se faça com base nessa mesma norma urbana culta real**, de modo a facilitar sua aquisição por partes dos

aprendizes provindos das camadas sociais usuárias de outras variedades sociolinguísticas.

Bagno (2011) esclarece que decidiu produzir essa gramática depois do lançamento da *Gramática do português brasileiro*, de Mário A. Perini (São Paulo: Parábola Editorial, 2010) e da *Nova Gramática do português brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho (São Paulo: Contexto, 2010), ambas voltadas para a descrição e análise do português brasileiro. Mesmo representando uma grande mudança na história das gramáticas, essas duas obras são voltadas exclusivamente ao público universitário, e, por isso, Bagno tomou a iniciativa de lançar seu livro para colaborar com o trabalho de professores e professoras: “Conhecendo as demandas e expectativas do corpo docente, decidi produzir este livro, como um auxiliar para a tarefa de promoção da reflexão sobre a língua e a linguagem em sala de aula” (BAGNO, 2011, p. 26).

Bagno finaliza a introdução nos apresentando algumas considerações sobre o “que ensinar na escola” e “o não ensino da norma-padrão”, iniciando sua fala pelo reconhecimento do valor que a escola tem como principal agência de letramento dos aprendizes: “o ensino da leitura e da escrita, e o acesso aos discursos sociais que se valem delas, é a tarefa primordial da educação em língua materna na escola” (BAGNO, 2011, p. 29). O autor ressalta que a principal missão da escola é desenvolver o letramento através da leitura, escrita e reflexão sobre a língua, e que as práticas que já demonstraram serem irrelevantes para essa missão devem, portanto, ser abandonadas pela escola. Em seguida, o autor lista algumas dessas práticas, que, segundo ele, nada tem a contribuir sobre a reflexão dos usos da língua (BAGNO, 2011, p. 29):

- decorar uma nomenclatura gramatical profusa, confusa e muitas vezes incoerente e inconsistente;
- classificar uma palavra solta, sem texto, cotexto nem contexto real de uso;
- identificar numa frase uma categoria gramatical sem atentar para os efeitos discursivos que ela permite produzir;
- proceder à análise sintática de uma oração apenas para rotular seus elementos constituintes;
- desconsiderar um texto em sua rede de significações e de sentidos para nele pinçar apenas palavras de uma determinada classe gramatical;
- produzir “redações” com temas irrelevantes, sem definição de tipo nem gênero textual;
- ser convencido de que só existe uma maneira correta de dizer ou escrever e que todos os demais usos da língua são errados e feio.

Se o estudo da língua for feito sem as práticas citadas acima, a gramática ganhará um caráter reflexivo e consciente em relação aos usos linguísticos; para Bagno, isso sim é estudar gramática, e não apenas a classificação mecânica e estéril que se faz da língua e que tem sido ensinada até hoje nos bancos escolares. Saber gramática, para o autor, é, acima de tudo, colocar em ação o conhecimento gramatical e intuitivo que cada indivíduo possui, e não apenas decorar regras que muitas vezes já se encontram em desuso, se considerarmos a frequência de seus usos. Apesar de a gramática de Bagno definir sua gramática de pedagógica, o autor apresenta possibilidades de a mesma ser usada, também, didaticamente, como mostra a seção a seguir.

1.2 - É PEDAGÓGICA MAS PODE SER DIDÁTICA.

Marcos Bagno (2011, p. 26) é sucinto ao enfatizar que sua gramática é voltada para professores formados ou em formação; entretanto, o autor deixa indícios de que, ao objetivar preparar professores para a tarefa de reflexão sobre a língua, esteja preparando profissionais que levem os conhecimentos adquiridos na *GPPB* para a sala de aula, o que é confirmado em algumas passagens do livro:

Aqui a professora e o professor vão encontrar a descrição de aspectos essenciais da gramática do português brasileiro, com vasta exemplificação de usos autênticos contemporâneos, junto com propostas de atividades práticas para levar seus aprendizes a conhecer melhor o funcionamento da língua que falam e escrevem e para se apoderar do que é um **português brasileiro contemporâneo urbano culto**. (BAGNO, 2011, p. 26) [grifos do autor]

Bagno, ao apresentar em sua gramática propostas práticas de ensino, possibilita a aplicabilidade da *GPPB* em sala de aula, tornando-a, também, um material didático e pedagógico. O autor esclarece que todas as atividades propostas são baseadas em usos característicos do português brasileiro contemporâneo e que devem ser feitas a partir do que o autor chama de textos autênticos, tais como os gêneros textuais: “tais atividade só podem ser feitas a partir de **textos autênticos, falados e escritos**, dos quais se possa depreender o funcionamento da língua na construção dos sentidos” (BAGNO, 2011, p. 20).

Ao abordar um novo modo de ensino de gramática, em que a observação e a reflexão sobre a língua e seus usos reais são priorizadas, Bagno não menospreza a norma padrão, que “é o modelo de língua descrito-prescrito pela tradição gramatical, uma

língua extremamente idealizada, construída com base nos usos de um grupo não muito amplo de escritores” (BAGNO, 2011, p. 31), como também não condena que essa seja ensinada. O que ele pretende, com sua gramática, é abrir um leque de possibilidades de usos da língua, a fim de que o aluno se torne consciente que a língua que usa é importante e tem valor, mas que ele deve conhecer a norma padrão que rege a língua, no intuito de desenvolver uma competência comunicativa e dela fazer uso nas mais diversas interações sociais.

Não sugerimos que o aluno não tenha acesso à norma-padrão pela tradição gramatical brasileira, até porque ela vai surgir inevitavelmente nos textos que ele vai ler em seu processo de escolarização. Só reivindicamos que ela não seja usada como mecanismo didático de negação do vernáculo geral brasileiro nem como instrumento para depreciar nossa língua materna. (BAGNO, 2011, p. 33)

O que Bagno propõe é um ensino que combata a imposição de um modelo de língua arcaica, que se distancia das ocorrências reais de usos da língua: “A educação em língua materna não é sinônima de um ensino exclusivo de uma única modalidade de emprego da língua, muito menos de uma modalidade obsoleta e anti-intuitiva” (BAGNO, 2011, p. 31). Bagno defende, também, que as variações linguísticas sejam aceitas e respeitadas, não sendo vistas como erros, mas apenas como variações da língua em uso.

Notamos que Bagno (2011) anseia que as propostas lançadas por ele, nessa gramática, alcancem os bancos escolares, que o modo como a gramática é trabalhada, muitas vezes de forma desconexa, seja abandonado, dando lugar ao um estudo por meio de atividades epilinguísticas, “aquelas que não recorram à nomenclatura técnica, de modo a permitir o percurso uso-reflexão-uso” (BAGNO, 2011, p. 19). O autor deixa espaço para o uso de sua gramática em sala de aula quando afirma que:

Ela descreve, mas também propõe uma nova norma linguística para o ensino, uma norma que não é extraída do nada nem dos gostos pessoais do autor (como é frequentemente o caso com as gramáticas prescritivas), mas uma norma que já existe, “tácita ou recalcada”, e que tem de ser legitimada para que o Brasil exorcize de vez o fantasma colonial que ainda assombra nossas concepções de língua e de ensino de língua. (BAGNO, 2014, p. 111)

A criação de um ensino que leve em conta as variações e mudanças linguísticas e que considere a língua como heterogênea e mutante é, sem dúvida, o anseio da militância de Bagno. Dito de outra forma, Bagno propõe um ensino que reflita, em sala de aula, as diversas possibilidades de usos da língua, deixando de considerar o que não é prescrito pela gramática normativa como “erro”, “problema” ou “defeito”, mas como um fenômeno

natural das mudanças linguísticas que merecem ser estudadas e analisadas com respeito e reconhecimento de sua legitimidade.

Dessa forma, Bagno dá carta branca para que professores de todo Brasil usem os conhecimentos adquiridos com a leitura de sua gramática em sala de aula, não como uma forma de negar os saberes da gramática tradicional, mas de sincronizar esse estudo ao de uma língua que muda todos os dias e que é legitimada por seus falantes diariamente. Na seção seguinte falaremos sobre a estrutura e divisão da gramática de Bagno.

1.3 - A ESTRUTURA DA GRAMÁTICA

A *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* é dividida por livros, iniciando-se pela *Epistemologia do Português Brasileiro*. No primeiro capítulo desse livro I, Bagno apresenta um estudo das correntes teóricas sobre a língua e linguagem, passando pelas teorias propostas por Platão, Saussure, Chomsky, Volóshinov e Labov. O autor trata, ainda, no final desse capítulo, da concepção de língua adotada em sua gramática, elencando as principais características que a língua incorpora na *GPPB* e das quais citamos as que julgamos mais pertinentes (BAGNO, 2011, pp. 77 – 78 – 79) [grifos do autor]:

- **a gramática de uma língua é sempre emergente** [...];
- sujeita à variação e à mudança ininterruptas, é um polissistema, composto de múltiplas variedades [...];
- nem sincrônica nem diacrônica isoladamente, a língua é um fenômeno **pancrônico** [...];
- **toda manifestação real da língua se dá na forma de textos** [...];
- língua falada e escrita não são dois universos distintos [...].

Já nos capítulos 2 e 3 do livro I, intitulado “*Epistemologia do Português Brasileiro*”, Bagno trata do preconceito linguístico presente na sociedade e na escola, e de como esse preconceito vem sendo arrastado e fortalecido no decorrer dos tempos. Aborda também o vernáculo brasileiro e a língua que a sua gramática se propõe a descrever. O livro II, que tem como título “*História do Português Brasileiro*”, é dividido em três capítulos, nos quais o autor faz um apanhado sucinto e histórico das mudanças linguísticas ao longo do

tempo. Apresenta também a história da nossa língua, fazendo um percurso desde o português galego até o português brasileiro. E por fim, aborda a formação do léxico portugalego, fazendo um estudo das raízes e origens das palavras do nosso vocabulário.

O livro III da gramática recebe o nome de “*Multimídia do Português Brasileiro*”, dividido em dois capítulos, o autor dedica o primeiro ao estudo histórico da fonologia da língua portuguesa, destacando as principais mudanças ocorridas desde o seu surgimento na Península Ibérica até a formação do Português Brasileiro que hoje falamos. No segundo capítulo do livro III, o autor trata da língua falada e escrita, onde tenta demonstrar que elas não são absolutas e homogêneas, desmitificando a associação feita entre a língua escrita e a falada com formalidade e informalidade, respectivamente. Ainda nesse capítulo, fala da história do alfabeto, da ortografia e sobre o novo acordo ortográfico.

No livro IV, nomeado de “*Lexicogramática do Português Brasileiro*”, composto de doze capítulos, o autor apresenta o estudo das classes gramáticas e inicia com a apresentação histórica dessas classes. No capítulo seguinte, aborda alguns conceitos que julga importantes para que se compreenda o funcionamento da gramática. Em seguida, apresenta as características lexicogramaticais do português brasileiro, abordando assuntos como a nomenclatura gramatical brasileira e, por fim, apresenta a classificação proposta na *GPPB*.

A partir daí, nos próximos nove capítulos, o autor apresenta seu estudo sobre nove classes gramaticais. Neste momento, o autor esclarece que as classificações propostas por ele não são definitivamente as melhores e acabadas sobre a língua, mas que são o fruto de muita pesquisa sobre os fatos linguísticos: “Elas representam simplesmente os frutos de muitos estudos e muita reflexão e, como toda teoria, estão abertas para a crítica, a reformulação e a refutação” (BAGNO, 2011, p. 505). Bagno foge da repartição tradicional das classes gramaticais, justificando tal escolha pelas opções teóricas que assume em sua gramática. Temos, então, a seguinte classificação, que, segundo o autor, está de acordo com a abordagem que ele se propõe a fazer:

Quadro 1: Repartição das classes gramaticais na Gramática de Marcos Bagno

1. VERBOS	6. QUANTIFICADORES
2. NOMES	6.1 definidos
2.1 Substantivos	6.2 indefinidos
2.2 Adjetivos	7. ADVÉRBIOS
3. VERBONOMINAIS	8. PREPOSIÇÕES
3.1 Infinitivo	9. CONJUNÇÕES
3.2 particípio	
3.3 gerúndio	
4. ÍNDICES PESSOAIS	
5. MOSTRATIVOS	
5.1 artigo	
5.2 não-pessoa	
5.3 demonstrativos	

Fonte: BAGNO (2011, p. 504).

Podemos notar a ausência de algumas classificações que são comuns na gramática tradicional e a aparição de termos não vistos nas gramáticas mais comuns, como, por exemplo: “mostrativos” e “índices pessoais”. Percebemos, também, que o autor analisa apenas nove das dez classes gramaticais, a classe gramatical dos pronomes fica de fora da gramática de Bagno, pois o autor considera os pronomes como função:

Na GPPB não reconheço uma classe de pronomes, porque já se sabe que, além dos nomes, outras classes gramaticais também podem ser retomadas anaforicamente por itens que a literatura linguística chama de *proformas* [...]. Assim, essas proformas são reconhecidas como *funções* exercidas por palavras de diferentes classes, e não como classes gramaticais em si. (BAGNO, 2014, p. 106) [*grifos do autor*]

Neste ponto, já podemos perceber o caráter inovador da gramática de Bagno. Além disso, o autor rejeita uma classe específica dos numerais e dos pronomes indefinidos, preferindo colocá-los no que chama de “quantificadores definidos” e “quantificadores indefinidos”, respectivamente. Algumas classes gramaticais, na *GPPB*, continuam nomeadas de acordo com a tradição gramatical, mas sempre levando em conta as mudanças linguísticas que a língua sofre: “Os advérbios, as preposições e as conjunções incluem assim os itens rotulados pela tradição gramatical e pelos estudos linguísticos, sempre, é claro, contemplados pela ótica da gramaticalização e da mudança linguística” (BAGNO, 2014, p. 106).

O livro V, e último dessa gramática, intitulado de “*Didática do Português Brasileiro*”, é dividido em dois capítulos. No primeiro, o autor fala da Hipercorreção e suas consequências, tratando de assuntos como noções de erro e sobre o papel da escola em

relação a esses “erros”, como também faz um “exame de alguns fenômenos de hipercorreção muito frequentes nas atividades linguísticas de muitas pessoas” (BAGNO, 2011, p. 955).

No último capítulo do livro, Bagno fala da educação linguística em sala de aula, intitulando-o de “*O que (não) ensinar na escola*”; nele, o autor esclarece a distinção entre norma-padrão que é o “conjunto de regras prescritivas, inspirado no uso literário de alguns poucos escritores do passado considerados como modelos a ser imitados”, e norma-culta, que é o “conjunto formado pelas variedades urbanas de prestígio, faladas e escritas por cidadãos com vivência urbana e levado grau de letramento” (BAGNO, 2011, p. 984). Por fim faz uma síntese de todas as classes gramaticais estudadas na gramática, fazendo uma distinção entre as formas da norma-padrão que merecem estudo e reflexão daquelas que não precisam ser ensinadas, mas apenas explicada e estudada quando surgirem em algum texto ou trabalho em sala de aula.

Como podemos ver, a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* é um trabalho voltado para a descrição das ocorrências reais da língua, para o combate ao preconceito linguístico e para a valorização de todas as variedades linguísticas, propondo um ensino de gramática que não se baseie na língua literária do português europeu e sim no português usado por seus falantes. Observamos, também, que a *GPPB* é voltada para o público de professores em formação ou já formados, a fim de que estes profissionais levem para sala de aula os conhecimentos e reflexões adquiridos com sua leitura, adquirindo assim, também, um caráter didático-pedagógico. No próximo tópico, abordaremos algumas críticas tecidas à gramática de Bagno.

1.4 - O OUTRO LADO DA MOEDA: CRÍTICAS À GRAMÁTICA DE BAGNO.

Como mencionado nos tópicos anteriores, a gramática proposta por Bagno se fundamenta na realidade sociolinguística do português brasileiro, defendendo um estudo que leve em consideração as ocorrências reais de usos da língua. Entretanto, assim como em toda proposta, há quem discorde do que é apresentado e defendido por Bagno; alguns estudiosos acreditam que esse tipo de proposta pode, inclusive, fazer com que professores e alunos deixem de estudar as normas da língua padrão.

Melo (1981, apud LOPES 2010, p. 2010) já reconhecia, antes ainda da década de 80, o fato de praticamente não se estudar mais gramática, ao confessar que, num movimento oposto ao ensino equivocadamente da análise sintática pela análise sintática, as escolas enveredavam “no vício contrário”: nada de gramática, nem de normas, nem de bons modelos. Só a linguagem coloquial distensa, o noticiário dos jornais, as letras de músicas populares, em que não raro entram as gírias dos cafajestes e dos palhaços de televisão”. E, mais adiante, conclui:

Com tudo isso, a língua vai sendo esquecida e espezinhada. A maior parte das pessoas ditas cultas, entre as quais se encontram até escritores oficialmente reconhecidos, escreve mal, viciosamente, pobremente, canhestamente, são incapazes de encontrar a forma adequada à expressão do pensamento ou do sentimento. (MELO, 1981 apud LOPES, 2010 p. 2310)

Lopes (2010, p. 2311) acredita que o grande responsável por esse “vício contrário” nas escolas seja o movimento Construtivista, que ganhou força na década de 1970, com a ampla divulgação de textos de Piaget e Vygotsky. Lopes afirma ainda que esse movimento tem sido desacreditado e abandonado por vários países que constataram o fracasso dessa teoria pedagógica, e acredita que o problema em relação ao fracasso dos alunos em escrita e leitura está no abandono da gramática. Isso porque, enquanto no ensino tradicional, o aluno aprende as regras da gramática pela explicitação e aplicação delas; no ensino moderno construtivista, o estudante deve assimilar as estruturas da língua e suas regras como por osmose, indiretamente, isto é, pela leitura à exaustão dos textos onde elas aparecem.

A verdade é que esse procedimento não funciona de modo satisfatório, e muito menos pode levar o aprendiz ao pleno domínio da norma culta, à plena compreensão do texto, fato este já comprovado, principalmente se for levado em conta que em dezembro de 2001 foi divulgado o resultado de uma prova de capacidade de leitura do “Programa Internacional de Avaliação de Alunos em que dos 265 mil estudantes de 15 anos de 32 países que prestaram o teste, os brasileiros chegaram em último lugar. (LOPES, 2010, p. 2311)

Para Rocha (2013, p. 2), um dos grandes problemas da obra de Bagno está no tipo de linguagem que o autor apresenta como molde da língua padrão. Segundo Rocha, Bagno propõe que o modelo de ensino seja o da língua falada urbana culta e não o modelo de linguagem ensinado pelas gramáticas tradicionais. Rocha critica o fato de o autor defender a posição de que a língua falada deve ser tida como português padrão, sem considerar, entretanto, as diferenças marcantes entre língua falada e escrita:

É preciso considerar, porém, como todos nós sabemos, que existem diferenças marcantes entre a língua escrita e a falada, ou, mais especificamente, entre a língua usada em um livro de direito, por exemplo, e a língua falada espontânea de um advogado, de um jornalista ou de um professor de geografia. Mesmo a norma falada pelas pessoas escolarizadas difere substancialmente da norma escrita padrão. Isso é uma unanimidade entre os autores brasileiros e do mundo inteiro. (ROCHA, 2013, p. 2)

Ainda, de acordo com Rocha (2013 p. 4), o modelo usado nos jornais e revistas de grande circulação, nos livros e artigos técnico-científicos, em todos os gêneros em que se espera o uso do português padrão, é o pregado pela gramática normativa, fato esse respaldado por pesquisa feita por Rosângela Borges Lima, que, analisando textos de diversos suportes e publicações, concluiu que nos textos analisados é utilizada a norma padrão da língua, “o que observamos é, mais uma vez, nos textos escritos em linguagem formal, um alto grau de coincidência entre as escolhas feitas e as normas prescritas” (LIMA 2003, p. 304) e não o da língua falada urbana culta.

Outra questão apontada como equívoco, e que é defendida na gramática de Bagno, é a aceitação e a valorização dos vernáculos dos alunos de forma indiscriminada e generalizada. Para Lopes (2010), a fala de muitos linguistas, a exemplo de Bagno, que pregam que a norma padrão não deve ser imposta e nem o dialeto dos alunos deve ser corrigido, deixa a sensação de que há um vale tudo na língua, onde cada falante pode se expressar como bem entender. Lopes acredita, ainda, que tal pensamento pode trazer prejuízos sociais e profissionais aos falantes, visto que vivemos em um mundo de competitividade em que a língua, usada de forma correta, é um dos degraus para a ascensão social e melhoria de vida:

Ora, a realidade não é bem assim. Todos sabemos que a comunicação é a alma do negócio e que erros de português podem arrasar a imagem e até mesmo com a credibilidade de uma pessoa. Além disso, é preciso reconhecer que desprezar o ensino da gramática sob a alegação falsa de que não se deve substituir o dialeto do aluno pelo da classe dominante, pois toda variedade de expressão é válida e não existe nenhuma variedade linguística que seja superior a outra, é não só cercear o direito do aprendiz de ascender socialmente e melhorar de vida, como também uma atitude inconcebível de preconceito contra a gramática. (LOPES, 2010, p. 2312)

Fontes (2011) acredita que o autor da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro* exagera um pouco ao propor a utilização da linguagem popular nas escolas, para a autora a intenção de Bagno é elogiável, pois traria mais democratização para o ensino; a questão é que “o grande homologador das regras gramaticais não deve ser a camada ignara, mas o usuário da língua instrumental, como o é a grande imprensa nacional cuja linguagem é acessível a qualquer cidadão, uma vez que é a mesma em todo o território deste imenso país” (2011, p. 267).

A autora conclui, assim, que:

A gramática deve ser o documento que zela pela unidade da língua nacional, e a escola, sem deixar de ser democrática, deve funcionar como ambiente de inclusão dos usuários que, em casa ou em sua comunidade, falam a linguagem de seu meio sem se preocuparem com formalidades que, se ignoradas, podem lhes barrar o alcance de benefícios pessoais, como a ascensão profissional. É preciso trazê-los para a fala oficial da grande nação brasileira. Sem dúvida, trata-se de uma tarefa de inclusão social. Esse é o papel das instituições de ensino no que tange ao ensino da língua pátria. (FONTES, 2011, p. 267)

Existem ataques mais agressivos à proposta de Bagno, é o exemplo do analista político Reinaldo Azevedo, que, em reportagem publicada em 2011, fez ataques ferrenhos às ideias apresentadas por Bagno. Azevedo acusa até mesmo os adeptos da proposta de Bagno, afirmando que, na verdade, não sabendo gramática, encontram nos dizeres de Bagno um escape para a própria ignorância em relações aos conhecimentos gramaticais:

O tal Bagno, o “lingüista”, é visto como um verdadeiro aiatolá da língua alternativa. É também autor de livros infanto-juvenis, adorado pelos professores — em particular por aqueles que são incapazes de entender um manual de gramática. Bagno lhes dá a sensação de que sua ignorância é irrelevante ou é uma inteligência alternativa, e eles acabam achando que não ensinam gramática aos alunos ou porque não querem ou porque seria inútil. O fato é que não sabem. (AZEVEDO, 2011)

Percebemos, assim, que os estudos gramaticais se encontram em uma linha contínua, onde em um dos extremos estão os que, como Bagno, defendem que a gramática normativa não seja vista como único caminho de aprendizagem da língua, não devendo ser imposta; e, no outro extremo, estão os que defendem a manutenção dos saberes gramaticais, tendo como modelo a norma padrão e tradicional da língua; sendo que, no meio desses extremos, estamos nós, professores, alunos e usuários da língua, torcendo para que essa luta termine com um único vencedor, a Língua Portuguesa.

Como professora de Língua Portuguesa, acredito que o caminho a ser seguido é aproximar cada vez mais o que é ensinado na escola com as situações reais de comunicação, mas que isso seja feito sem radicalismos, sem desprezar o conhecimento das regras gramaticais, concordo que não deve haver um vale tudo no ensino de Língua Portuguesa, mas sim o respeito às diferenças sociolinguísticas existentes em sala aula, sem no entanto, esquecer do papel da escola de aproximar o aluno às práticas de letramento, e sobretudo, quanto ao ensino de Língua Portuguesa, proporcionando a este o aprendizado da norma padrão.

2. A PROPOSTA DE ENSINO DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: ENSINO DA FLEXÃO VERBAL DE PESSOA E NÚMERO.

Neste capítulo, trazemos algumas considerações sobre o ensino da Gramática Funcional, posteriormente tratamos do ensino dos verbos, e mais especificamente da flexão verbal de pessoa e número, na GPPB.

2.1 - CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO DA GRAMÁTICA FUNCIONAL

A língua é uma atividade social e heterogênea que se modifica por meio do tempo e do espaço. Essa heterogeneidade linguística é manifestação comum em sala de aula, e a escola deve, ou deveria, estar preparada para aceitação e respeito às variedades linguísticas que os alunos adquirem em suas famílias. Como destaca (BOURDIEU, 1998, p. 56), “além de um léxico e de uma sintaxe, cada indivíduo herda, de seu meio, uma certa atitude em relação às palavras e ao seu uso”. Isto é, os alunos chegam à escola já com suas experiências de usos da língua, não são meros espaços em branco que devem ser preenchidos com a arte do bem falar e do bem escrever’, como geralmente são vistos. Considerando que os diferentes dizeres que emergem em sala de aula muitas vezes não são respeitados, além de terem seus falares vistos como “dizeres errados”, os alunos são muitas vezes estigmatizados ou ridicularizados por causa da sua língua materna.

A escola se torna fechada a aceitar e compreender os conhecimentos adquiridos fora dela, é como se o aluno tivesse que esquecer a língua que adquiriu no convívio com sua família, vendo-se obrigado a aceitar uma nova língua, totalmente nova e diferente para ele. Bourdieu (1998, p. 46) destaca, ainda, que um dos maiores desafios encontrados pelos alunos, ao iniciarem a vida escolar, são os julgamentos atribuídos pelo professor à forma de falar e escrever que adquiriram em seu meio familiar:

Com efeito, o êxito nos estudos literários está muito estreitamente ligado à aptidão para o manejo da língua escolar, que só é uma língua materna para as crianças oriundas das classes cultas. De todos os obstáculos culturais, aqueles que se relacionam com a língua falada no meio familiar são, sem dúvida, os mais graves e os mais insidiosos, sobretudo nos primeiros anos de escolaridade, quando a compreensão e o manejo da língua constituem o ponto de atenção principal na avaliação dos mestres. (BOURDIEU, 1998, p. 46)

Nesse sentido, justifica-se o discurso em que se propaga que as crianças oriundas de classes sociais menos favorecidas, quando chegam à escola, não sabem falar, uma vez que a língua tida como correta, certa e até mesmo bonita, é uma variedade falada por poucos, os que sempre tiveram acesso aos bens culturais, à arte, em todas as suas esferas. Nesse contexto, sendo a escola a instituição social responsável pelo ensino da norma culta, espaço dos primeiros contatos do cidadão com o estado, percebe-se a necessidade do respeito às variedades socioculturais do aluno, sem discriminar seu vernáculo, ou seja, o vernáculo de sua fala familiar para que não prejudique o processo de aprendizado desse aluno. Reconhecemos que o aluno precisa sim desse conhecimento da norma culta, mas o ensino deve ser pautado no respeito às suas diferenças linguísticas.

Para Neves, a língua em uso deve ser considerada como objeto de investigação escolar, avaliando a interação empregada na linguagem. Sobre isso, a autora ainda afirma que “um padrão linguístico que se proponha fora da observação dos usos não constitui um padrão real” (NEVES, 2013, p. 20). Podemos ver, então, a necessidade de se trabalhar com uma gramática que considere os usos reais que os alunos fazem da língua, para que possam fazer uma relação entre o aprendizado escolar e suas interações linguísticas.

Visando a estudar gramática dentro das práticas de linguagem, ou seja, do uso real da língua, Bagno apresenta sugestões para o trabalho com a gramática voltado para as manifestações da linguagem, propondo um exercício de reflexão sobre a língua e a linguagem, sem que seja necessário recorrer à nomenclatura técnica para realizar tais reflexões, permitindo um percurso de uso-reflexão-uso.

Para o autor é necessário que se reconheça as mudanças que a língua sofre, e que essas mudanças sejam tratadas como autênticas, abandonando a separação entre certo e errado, visto que tais mudanças foram consagradas pela maioria dos falantes do português, tornando-se formas de falar e escrever genuinamente brasileiras: “A norma-padrão tradicional acaba perdendo espaço para a norma real, habitual, normal, pelos usos feitos pelos falantes em suas atividades linguísticas cotidianas. É dessa norma real, habitual, normal, que vamos tratar nesse livro” (BAGNO, 2011, p. 33).

Como dito anteriormente, Bagno não defende que se substituam as normas gramaticais; pelo contrário, a aquisição dos saberes gramaticais é importante, além de ser um direito do aluno. O que o autor propõe é que se abra um leque de possibilidades de

estudo e uso da língua, a fim de que o aluno se torne consciente que sua língua é importante e tem valor, mas que ele deve conhecer as normas que regem a língua, no intuito de desenvolver sua competência comunicativa e dela fazer uso nas mais diversas interações sociais.

O referido autor comunga das ideias de Bortoni (2005), que defende a proposta de que os saberes e direitos dos alunos sejam resguardados, preservando sua identidade cultural, seja ela rural ou urbana. Segundo a autora, “a linguística recomenda que a norma culta seja ensinada nas escolas, mas que, paralelamente, se preservem os saberes sociolinguísticos e os valores culturais que o aluno já tenha aprendido antes, no seu ambiente social” (BORTONI, 2005, p. 25-26). Na seção que segue discorreremos sobre o ensino dos verbos na GPPB.

2.2 – OS VERBOS NA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Falamos, no primeiro capítulo, da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno, apresentando sua estrutura e proposta como um todo. Neste capítulo pretendemos abordar a proposta da gramática ora citada, especificamente no estudo da flexão verbal de pessoa e número. Em um primeiro momento falaremos sobre o capítulo dedicado ao estudo dos verbos, para posteriormente tratarmos da abordagem da flexão verbal (pessoa e número).

O estudo dos verbos, na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, é apresentado no livro IV da gramática, nomeado de “*Lexicogramática do Português Brasileiro*”, composto de doze capítulos; nele, o autor apresenta o estudo das classes gramaticais, dentre elas a dos verbos. Ao contrário das gramáticas tradicionais, que iniciam os estudos das classes de palavras a partir dos substantivos, na gramática de Bagno, ele abre esse estudo pelos verbos.

Bagno inicia o estudo do verbo reconhecendo a sua importância, o autor enfatiza que o verbo é núcleo de todo e qualquer enunciado significativo: “o verbo é tão poderoso que, sozinho, dá conta de expressar todo um estado de coisas ou uma intenção comunicativa” (BAGNO, 2011, p. 508). O autor faz, ainda, uma crítica sobre a forma como o verbo é definido na gramática tradicional. Segundo ele, são definições problemáticas, e o verbo deveria ser definido com base em suas características sintáticas, semânticas e pragmáticas. Para ele a melhor definição de verbo seria a seguinte:

Quadro 2: Definições do verbo.

DEFINIÇÃO DO VERBO	
Morfossintática	Palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoal: falássemos = fal- + -a- + -sse- + -mos
Semântica	O verbo expressa os estado de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos.
Discursiva	“palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação; (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos” (Castilho, 2010:396).

Fonte: BAGNO (2011, p. 508).

Para Bagno, o ensino dos verbos deve ser feito de forma que leve o aluno a recorrer à sua intuição, sem que seja obrigado a decorar as diversas nomenclaturas que os verbos possuem: “para que tanta nomenclatura na 5ª série, quando as crianças – como sabemos pelas estatísticas – ainda mal conseguem ler e escrever?” (Bagno, 2001, p. 510). Para ele seria mais simples se fosse ensinado que os verbos são palavras que indicam o que está acontecendo e como está acontecendo, fazendo com que o aluno use seus conhecimentos linguísticos prévios e intuição.

É impossível encontrar uma criança de 5 ou 6 anos que não saiba dizer o que aconteceu, o que está acontecendo, o que ela quer que aconteça, o que vai acontecer etc. A única coisa que ela não sabe é que, muitos séculos atrás, alguns senhores decidiram chamar essas palavras de verbos, rotular desinências as partes dessas palavras que se alteram segundo a necessidade da expressão, classificar as formas que essas palavras assumem como presente do indicativo, pretérito perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito, pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo etc. (BAGNO, 2011, p. 510)

O autor cita, como referência, Magda Soares, que em sua coleção didática não faz uma apresentação explícita do verbo, e sim uso de textos e exercícios que levam o aluno a perceber o que é verbo nos aspectos morfológico, sintático e semântico; à medida que os mesmos são apresentados, “aquela definição de Magda Soares, muito mais simples, que recorre à intuição, permite fazer um eficiente trabalho com os verbos, sem exigir a apreensão de toda essa terminologia e suas definições” (BAGNO, 2011, p. 510). O autor acredita que com a metodologia apresentada por Soares seria possível promover um ensino voltado para a reflexão, utilizando diversos textos de diversos gêneros, como também fazendo uso de uma terminologia mais simples.

Após discorrer sobre a definição do verbo, o autor fala de suas propriedades funcionais, ressaltando que o tempo verbal não é tempo físico: “o tempo verbal está sempre ancorado no momento da fala, no aqui e agora da enunciação” (BAGNO, 2011, p. 512). A partir daí, o autor aborda vários tópicos relacionados ao estudo dos verbos, dos quais não falaremos, visto a grande quantidade de conteúdos apresentados, dentre os quais daremos ênfase apenas ao conteúdo de flexão de pessoa e número dos verbos, que é o tema abordado neste trabalho.

O que podemos absorver, de forma geral, é que Bagno propõe um estudo dos verbos no qual os usos são determinantes para o estudo das regras, descrevendo várias ocorrências reais de usos comuns da nossa língua, e retirando a maioria dessas ocorrências do *corpus* do projeto NURC¹ (Norma Urbana Culta), que considera como um repertório de exemplos legítimos do Português Brasileiro, fazendo sempre uma comparação entre o vernáculo geral brasileiro (VGB) e a tradição gramatical do Português (TGP).

A título de exemplo, citaremos a abordagem que o autor faz em relação à regência de alguns verbos. Bagno realiza a análise da regência de verbos como “visar e permitir”; a partir dessa análise é possível perceber que várias regências verbais estão em desuso. O autor cita, ainda, exemplos de usos de regência contemporânea, usadas no dia-a-dia dos brasileiros, e critica a insistência da escola em fazer com que os alunos decorem tabelas de regência que, em sua maioria, nem são mais usadas pelos falantes.

Fica claro que não tem cabimento desperdiçar tempo e espaço de sala de aula com a tentativa de preservar regências verbais há muito tempo caídas em desuso. Um ensino honesto não pode esconder dos aprendizes a realidade de sua língua. (BAGNO, 2011, p. 537)

Para Bagno (2011), o ideal é que o professor se valha de textos, existentes no próprio livro didático, ou proveniente da internet, para confrontar as listas de regências, muitas vezes também presentes nos livros didáticos, para assim detectar quais ocorrências ainda são válidas e quais já estão em desuso, para que aluno possa, assim, perceber que o uso de algumas regências pode e deve ficar a critério e gosto do falante/escrevente, como, por exemplo, “assistir o filme” ou “assistir ao filme”.

Por fim, o autor fala da gramaticalização dos verbos, descrevendo esse fenômeno como um processo em há uma mudança da língua, mudança legitimada por seus

¹ Projeto empreendido desde o início dos anos 1970, composto exclusivamente de língua falada por brasileiros de cinco grandes cidades (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) (Bagno, 2011, p. 496).

usuários, “a gramática da língua se forma a partir dos usos que os falantes fazem dos recursos verbais que estão à sua disposição no sistema” (BAGNO, 2011, p. 170), dando vários exemplos de verbos que passaram por esse processo de mudança e produção de novos recursos gramaticais.

Percebemos que, para o autor, é possível que se faça um estudo dos verbos de uma forma que faça sentido para os alunos, partindo daquilo que já conhecem e comparando esse conhecimento com as regras contidas na Gramática Normativa, de forma que os usos reais da nossa língua sejam legitimados e valorizados.

Passemos agora para o estudo da abordagem da flexão verbal (número e pessoa) na Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.

2.3 - O ENSINO DA FLEXÃO VERBAL (PESSOA E NÚMERO) NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA PEDAGÓGICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Tradicionalmente, a tabela da conjugação verbal, apresentada nas gramáticas normativas e nos livros didáticos, traz a marcação de seis pessoas, sendo três no singular (eu, tu, ele/ela) e três no plural (nós, vós, eles/elas). Bagno (2011) inicia o estudo da flexão verbal de pessoa e número afirmando que a referida tabela está longe de representar todas as possibilidades de usos feitos por todos os usuários da língua: “o paradigma apresentado até hoje nas obras que seguem a TGP não correspondem a nenhuma das variedades linguísticas reais do PB” (BAGNO, 2011, p. 539). Para ele, trata-se de um erro pedagógico a escola continuar a propagar um quadro de conjugação não mais utilizado, e há muito tempo.

Em seguida, o autor apresenta um quadro na tentativa de fazer uma descrição dos paradigmas de conjugação verbal do português brasileiro que, segundo ele, não esgota todas as possibilidades de descrição de usos. Bagno (2011) afirma que qualquer pessoa, de qualquer idade, sexo e classe social, vai reconhecer algum desses usos em sua própria maneira de conjugar os verbos.

	A		B		C		D	
VARIETADES RURAIS OU URBANAS DE MENOR PRESTÍGIO SOCIAL	eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO	eu	FALO
	tu	FALA	tu / você	FALA	tu / você	FALA	tu	FALAS
	você		ele / ela		ele / ela		você	FALA
	ele / ela		a gente		a gente		ele / ela	
	nós		nós		nós		a gente	
	a gente		vocês		nós		FALAMO[s]	nós
vocês	eles / elas	FALA[M]	vocês	FALA[M]	vocês	FALAM		
eles / elas			eles / elas		eles / elas			
								VARIETADES URBANAS DE MAIOR PRESTÍGIO SOCIAL

(BAGNO, 2011, p. 539)

A figura, apresentada acima, representa quatro paradigmas verbais (A, B, C e D), dentre eles estão os usos mais comuns da nossa língua, usos esses que são efetivados todos os dias nos falares concretos e localizados, como também os usos encontrados em situações formais. Por mais que, na Língua Portuguesa, ocorram a 1ª pessoa do plural (nós), a 2ª pessoa do singular (tu) e a 2ª pessoa do plural (vós), nós brasileiros fazemos usos de formas diferentes, formas essas que, segundo Bagno (2011), devem ser legitimadas e aceitas, pois é fato que elas existem, estão sendo difundidas e podem vir a ser, um dia, a língua padrão.

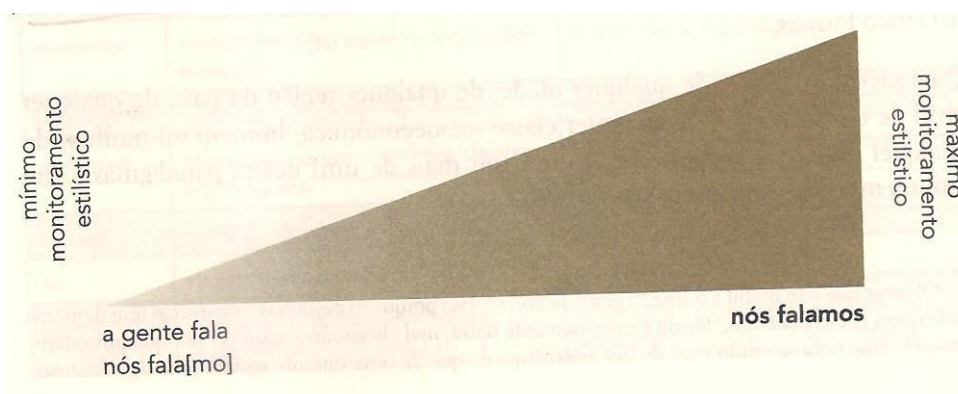
É possível perceber que, no quadro apresentado, Bagno faz uma divisão *continuum dialetal*, que, segundo ele, trata-se “de uma linha sobre a qual distribuí as muitas variedades sociolinguísticas do português brasileiro” (BAGNO, 2011, p. 540). O que Bagno (2011) tenta descrever é uma caracterização dos grupos sociais, em que as variedades rural e/ou urbana, menos prestigiadas, estão em um dos extremos do quadro, onde estão as ocorrências mais discriminadas e estigmatizadas, entretanto usadas pela maioria dos falantes. E no outro extremo estão variedades urbanas mais prestigiadas e usadas pelos que se consideram detentores do bem falar/escrever, existe, ainda, uma zona intermediária entre os dois extremos.

Bagno trata, também, da questão do monitoramento estilístico, que diz respeito ao repertório de formas linguísticas que o falante possui e do qual fará uso de acordo com o grau de formalidade e registro a que está sujeito. Esse monitoramento também pode ser caracterizado no quadro apresentado acima, “além de caracterizar os grupos sociais, esses paradigmas verbais podem representar uma variação estilística” (BAGNO, 2011,

p.540): o sujeito fará suas escolhas linguísticas de acordo com o grau de monitoramento da fala e escrita.

Essa questão do monitoramento estilístico é amplamente retratada no livro *Nós chegemu na escola, e agora?* (Stella Maris Bortoni-Ricardo - 2005), no qual a autora relaciona esse monitoramento a um processo de atenção e planejamento da fala/escrita. Bortoni (2005) apresenta quatro fatores que considera relevante para a escolha linguística que o falante fará, são eles: a acomodação do falante a seu interlocutor; o apoio contextual na produção dos enunciados; a complexidade cognitiva envolvida na produção linguística e a familiaridade do falante com a tarefa comunicativa que está sendo desenvolvida. A autora analisa, ainda, episódios que retratam várias situações comunicativas, concluindo que a “monitoração estilística volta-se para os processos cognitivos de atenção e planejamento no momento da enunciação” (BORTONI, 2005, p. 52).

Bagno (2011) cita como exemplo de monitoramento estilístico o uso do pronome *tu*, habitualmente empregados em várias regiões do país, o uso desse pronome pode ser alternado de acordo com a situação de interação verbal a que o falante está exposto; em situações mais formais é provável que o falante empregue *tu falas* (paradigma D) e nas menos formais empregue *tu fala* (paradigma C). Além disso, o *tu* é substituído pelo uso de *você*: “a generalização do índice de pessoa **você**, se transformou no mais empregado índice de 2ª pessoa do singular, substituindo amplamente o **tu**” (BAGNO, 2011, p. 645). O autor diz, ainda, que a mesma alternância ocorre com *nós* e *a gente*, onde enunciados como *nós falamos* são usadas em situações com menos monitoramento estilístico e *nós falamos* em situações com mais monitoramento, como se observa abaixo:



(BAGNO, 2011, 540)

Bagno utiliza, também, o quadro dos paradigmas verbais apresentados para descrever o fenômeno da economia linguística. Para ele, o paradigma (A) do quadro representa bem esse fenômeno.

A economia linguística é um termo que recobre uma variada gama de processos que se caracteriza por representar mecanismos de mudança que tentam reagir positivamente a dois impulsos: (a) poupar a memória, o processo mental e a realização física da língua, eliminando os aspectos redundantes e as articulações mais exigentes; (b) preencher lacunas na gramática da língua, de modo a torná-la mais eficiente como instrumento de interação sociocomunicativa. (BAGNO, 2011, p. 147).

No estudo da conjugação verbal de pessoa e número, esse fenômeno se manifesta, como mostra o paradigma (A), na supressão de marcas morfológicas, para Bagno (2011) no uso de **nós estávamos**, por exemplo; há, na verdade, uma ocorrência de redundância de marcas morfológicas, para ele, não existe necessidade de marcação da pessoa verbal duas vezes: “para que dizer *nós falamos*, marcando duas vezes a pessoa verbal (nós, -mos), se a forma mais econômica *nós fala* dá conta do mesmo recado?” (BAGNO, 2011, p. 541). Essa forma mais econômica de usar a língua retrata uma mudança linguística que já atingiu o paradigma (A) e caminha na direção de atingir os demais paradigmas apresentados.

Bagno (2011) relata que essa economia linguística é alvo de muitas críticas por parte dos falantes urbanos prestigiados e da doutrina gramatical tradicional, sendo vista como um empobrecimento linguístico e atraso cultural de seus usuários, críticas essas que, o autor acredita, são puro preconceito social: “os julgamentos sociais que atribuem valor negativo a formas como *nós fazia*, se devem exclusivamente à história da nossa sociedade e não tem nenhum fundamento linguístico” (BAGNO, 2011, p. 541). O autor afirma que não há qualquer análise científica rigorosa que sustente tais críticas, sendo que várias outros idiomas, a exemplo do inglês, já passaram por essa simplificação na conjugação verbal.

Do ponto de vista exclusivamente estrutural, não há nada de melhor em I/you/he/she/it/we/you/they spoke nem nada pior em eu/tu/você/ele/ela/nós/a gente/vocês/eles/elas falava... O fenômeno morfológico é o mesmíssimo – economia linguística -, a recepção sociocultural do fenômeno – e só ela – é que é diferente. Se os brasileiros que dizem eu-tu-você-ele-ela-nós-a gente-vocês-eles-elas falava forem considerados preguiçosos, intelectualmente atrasados etc., seremos obrigados a considerar assim também os mais de 500 milhões de falantes do inglês no mundo que dizem I-you-he-she-it-we-you-they spoke. (BAGNO, 2011, p. 542)

Passemos, agora, para a metodologia, sugerida por Bagno, para a efetivação do ensino da flexão de pessoa e número verbal em sala de aula. O autor acredita que a primeira coisa a ser feita é a apresentação, aos alunos, da forma como o conteúdo é

abordado nas gramáticas normativas e nos materiais didáticos, garantindo, assim, ao aluno o acesso à norma padrão da língua.

Para iniciar o trabalho, seria interessante ver como as gramáticas normativas e outros materiais didáticos abordam o fenômeno que está sendo estudado. Isso já garante um espaço para a perspectiva tradicional na sala de aula, desde que ela seja vista como uma das explicações possíveis para o fenômeno, e não como a única maneira “certa” de entendê-lo. (BAGNO, 2011, p. 906)

Após o professor apresentar uma síntese sobre a abordagem apresentada pela gramática tradicional, Bagno (2011) sugere que ele lance aos alunos a seguinte pergunta: “vamos ver se é assim mesmo que as coisas acontecem no dia a dia da língua? Será que as explicações das gramáticas normativas correspondem ao uso real da língua pelos brasileiros?” (BAGNO, 2011, p. 906). Assim, dá início ao trabalho do conteúdo a partir da proposta da *Gramática Pedagógica*. E esse trabalho deve ser feito a partir da observação dos reais usos da língua.

A observação da língua real e contemporânea é o único método capaz de levar um aprendiz a se conscientizar do que é de fato a gramática de sua língua – uma observação que deve ser empreendida de modo sereno, sem preconceitos contra o que a tradição prescritiva insiste em chamar de “erro”. (BAGNO, 2011, p. 542)

Bagno (2011) afirma que essas observações precisam ser feitas em textos que ele denomina “autênticos”, textos esses que devem ser extraídos do mais diversos gêneros textuais; montando, assim, um corpus de usos autênticos da língua, para realizar um confronto entre o padrão ideal (visto na gramática normativa) e o uso real da flexão verbal de pessoa e número: “para empreender esse confronto entre o *padrão ideal* e o *uso real*, é necessário constituir um *corpus*, isto é, um acervo de língua falada e escrita” (BAGNO, 2011, p. 906). O autor cita, ainda, diversos exemplos de gêneros textuais que podem ser utilizados nessa tarefa, tais como: telenovelas, telejornais, histórias em quadrinhos, textos recolhidos da internet etc.

Seguindo a montagem do *corpus*, chega o momento de fazer a coleta de dados, que é a identificação, nos textos apresentados, de todas as ocorrências de usos das flexões de pessoa e número apresentadas nas gramáticas normativas e livros didáticos, as quais os alunos tiveram acesso na primeira etapa da aula. De posse desses dados, os alunos devem identificar, nos mesmos textos, ocorrências que substituem os usos clássicos identificados, a fim de perceber que a língua sofreu muitas mudanças e que essas mudanças são autênticas e efetivadas todos os dias, devendo ser aceitas e respeitadas.

Não tem cabimento, por exemplo, apresentar o paradigma da conjugação verbal com as seis pessoas do português clássico – eu, tu, ele(a), nós, vós, eles(as) -, já que essa conjugação não corresponde a absolutamente nenhum uso real de nenhuma das variedades do português brasileiro falado e escrito, nem do português europeu, angolano, moçambicano etc. É imperioso que se apresente os diferentes paradigmas verbais em vigor no português contemporâneo, com você, com a gente, com tu foste e com tu foi etc., porque são esses paradigmas variáveis que de fato estão vivos na nossa sociedade. É um crime pedagógico esconder a realidade da língua aos que procuram a escola precisamente para conhecer essa realidade. (BAGNO, 2011, p. 32).

Bagno deixa claro que essa proposta não pretende extinguir o ensino da norma padrão; pelo contrário, o objetivo é que o aluno conheça todas as formas possíveis de usos da flexão de número e pessoas dos verbos, e que cada forma deve ser usada em situações adequadas, que o aluno compreenda que a norma culta funciona em determinados ambientes sociais, assim como as formas usuais. Conhecendo as duas formas, clássica e usual, o aluno terá mais facilidade de definir critérios de adequação para cada situação comunicativa.

Não estamos propondo aqui um **prescritivismo às avessas**, algo como forçar o abandono das formas “clássicas” para que sejam substituídas pelas formas inovadoras. Propomos simplesmente que **ambas as opções** sejam consideradas certas, legítimas e boas – um apelo, portanto, à democracia linguística e ao respeito pela diversidade. (BAGNO, 2011, p. 501) **[grifos do autor]**

Sintetizando o que Bagno anseia em sua gramática, podemos dizer o seguinte: os professores precisam, não só no estudo de flexão verbal de pessoa e número, mas também nos demais conteúdos gramaticais, desenvolver um ensino a partir dos usos, mostrando as diferenças entre o que a gramática tradicional prega e o que tem sido usado pela maioria dos falantes, tudo isso usando textos autênticos, que circulam constantemente na sociedade. E, finalmente, devem conscientizar os alunos sobre a avaliação das possibilidades de usos de cada forma aprendida, dependendo da situação discursiva, entender que certos usos são aceitos e outros não, mas que ambos têm seu valor e importância.

Portanto, o que Bagno (2011) propõe, na *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, é um ensino de gramática que não divorcie a sua aplicação dos usos linguísticos, uma gramática que atenda às necessidades sociais, criando situações reais de uso, promovendo uma reflexão sobre a língua e seu uso e funcionamento efetivo, e não apenas o ensino de normas e regras distantes da língua em uso. Dessa forma, o aluno terá garantido seu direito à aquisição dos saberes gramaticais, não como um saber único,

mas como uma variedade linguística que garantirá ao falante a adequação de seus enunciados às diferentes situações comunicativas.

3. O ENSINO DE FLEXÃO VERBAL NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA NORMATIVA.

Neste capítulo, falaremos sobre o ensino da Gramática Normativa, bem como o ensino dos verbos e da flexão verbal na perspectiva da GN.

3.1- CONSIDERAÇÕES SOBRE ENSINO DA GRAMÁTICA NORMATIVA

Como ponto de partida, apresentaremos a definição de gramática normativa, que diz respeito à gramática que apresenta um conjunto de regras do bom uso dos recursos da língua.

Gramática é o conjunto sistemático de normas para bem falar e escrever, estabelecidas pelos especialistas, como base no uso da língua consagrado pelos bons escritores. Dizer que alguém “sabe gramática” significa dizer que esse alguém “conhece essas normas e as domina tanto nocionalmente quanto operacionalmente”. (FRANCHI, 2006, p. 16)

Silva (2000) afirma que, por ter bases no uso consagrado de bons escritores, a gramática normativa estigmatiza e ignora as características da linguagem oral como também as demais variedades linguísticas. Para a autora (2000, p. 13), “aquilo a que a gramática tradicional remete [...] reforça o ‘dialeto da elite’, [...] reforça padrões de uso que são próprios a uma classe dominante, que seu ensino [...] faz silenciar os outros usos”.

A relevância dada ao ensino da gramática normativa na escola se deve, dentre outras coisas, ao fato das várias avaliações externas de Língua Portuguesa, a que os alunos são submetidos, sem falar nos exames do ENEM, vestibulares e provas de concursos, cobrarem a aplicação dos conhecimentos de grande parte da gramática normativa: “é natural exigir que aluno aprenda a norma culta para utilizá-la em determinadas situações sociais de comunicação” (TRAVLAGLIA, 1996, p. 64). Assim, o professor se vê obrigado a ensinar unicamente a variedade padrão em sala de aula, sendo também uma forma de reafirmar seu papel como professor; afinal, ele também será taxado e cobrado quando os resultados das referidas avaliações não forem satisfatórios.

Não é de hoje que se fala em trabalhar gramática a partir de textos, a linguística e até mesmo os documentos oficiais do governo têm colocado essa questão com ênfase. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, por exemplo, o ensino de gramática com textos é enfatizado e estimulado, de forma que o aluno tenha condições de desenvolver

habilidades linguísticas nas mais diversas situações de uso da língua, de forma contextualizada com suas necessidades discursivas.

Uma vez que as práticas da linguagem são uma totalidade e que o sujeito expande sua capacidade de uso da linguagem e de reflexão sobre ela em situações significativas de interlocução, as propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa devem organizar-se tomando o texto (oral ou escrito) como unidade básica de trabalho, considerando a diversidade de textos que circulam socialmente. Propõe-se que as atividades planejadas sejam organizadas de maneira a tornar possível a análise crítica dos discursos para que o aluno possa identificar pontos de vista, valores e eventuais preconceitos neles veiculados. Assim organizado, o ensino de Língua Portuguesa pode constituir-se em fonte efetiva de autonomia para o sujeito, condições para a participação social responsável. (PCNs, 1998, pp. 58-59)

O governo tem mostrado certo esforço em inserir nas escolas um ensino pautado na reflexão quanto aos usos gramaticais, tendo o texto como unidade básica para o trabalho com gramática; entretanto, o que ainda vemos são professores buscando auxílio unicamente no livro didático, em livros que muitas vezes ainda insistem em abordar a gramática na sua forma mais tradicional: “sabemos que é ainda comum a preocupação de muitos professores em reconstruir com os alunos o quadro descritivo constante dos manuais de gramática escolar” (VARGAS, 2010, p. 4). É preciso que o professor tenha um suporte didático e que receba apoio no sentido de se conscientizar que é possível ensinar gramática de forma mais prazerosa, aproximando o ensino às situações reais de comunicação do aluno.

Mesmo com a tentativa dos estudos da linguística moderna em aproximar o ensino da gramática dos usos reais da língua, como também da sua real aplicabilidade, e mesmo com os esforços do governo em reformular as diretrizes para o ensino de Língua Portuguesa, como também a oferta de formação continuada aos professores, ainda, assim, podemos verificar dificuldades dos alunos em relação ao ensino de Língua Portuguesa e ao aprendizado do saber gramatical. Falaremos, na próxima seção, sobre o ensino dos verbos na perspectiva da gramática normativa.

3.2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DOS VERBOS NA GRAMÁTICA NORMATIVA

“Português é uma matéria muito difícil!”; “Eu não sei português!”; “Eu odeio as aulas de língua portuguesa e as suas regras!”: essas são apenas algumas das afirmações constantemente feitas por alunos em relação ao ensino da língua portuguesa. Muitos são

os fatores que os levam a ter esse tipo de pensamento, dentre eles, a redução da aula de português ao ensino da gramática e a maneira como esse ensino é tido ainda hoje na maioria das escolas. Para Ferrarezi Júnior (2014, p. 10), o grande distanciamento entre os conteúdos ensinados na sala de aula e o que os alunos efetivamente usam em suas reais situações discursivas, além das aulas e exercícios que priorizam o ensino tradicional, indo na contra mão da realidade do aluno, têm contribuído para que tal pensamento perpassasse por anos e anos.

Hoje a linguística nos mostra que somente com base na memorização de parte da morfologia verbal o estudo desse tema fica enfadonho e absolutamente desinteressante para os alunos de nível básico. As aulas e as tarefas viram uma espécie de “castigo escolar”. E a sentença “eu nunca aprendi verbo na vida”, tão repetida por muitos é, disso tudo, só uma decorrência natural. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 10-11)

Dessa forma, o grande desafio que a linguística moderna propõe para o ensino da norma padrão, materializada pela gramática normativa, é que ela seja ensinada de forma relacionada às práticas discursivas dos usuários, de forma que faça sentido e valorize os usos linguísticos dos falantes, que parta do uso real da língua para o uso padrão e não o contrário.

Como professora de Língua Portuguesa, percebo que dentre todos os conteúdos gramaticais, o que mais desperta incomodo nos alunos é o dos verbos. As tantas exceções à regra, as diversas tabelas, os privilégios de conteúdos, os exercícios tradicionais e o livro didático como centro do saber, do qual é extraído única e exclusivamente todo conteúdo a ser trabalhado, deixam o aluno numa situação de coadjuvante nos estudos das regras gramaticais, sendo a regra o grande protagonista do ensino de Língua Portuguesa.

Com o passar do tempo, o livro didático tem-se tornado o centro da programação de ensino de Português. Ele tem assumido o papel de determinar o que, o quanto de gramática apresentar aos alunos de 1º grau, bem como o escalonamento dos conteúdos gramaticais nas diversas séries. (SOARES *apud*, NUNES, 2001, p. 15)

Outro agravante para a grande rejeição dos alunos em relação ao estudo dos verbos é a lacuna que encontram entre o aprendizado em sala de aula e a realidade linguística que os cercam fora dos muros escolares. Sabemos que, além do conhecimento de sua língua materna, o aluno leva para escola normas do sistema de sua língua, normas internalizadas e podemos, assim, dizer que o aluno leva para a escola uma gramática adquirida pela sua competência linguística, uma gramática do uso.

Quando chega à escola, o aluno passa a ter contato com uma nova norma geralmente diferente da sua, uma norma baseada nas variedades de maior prestígio social, tida como modelo do bem falar a ser adquirido pelo estudo da gramática, uma gramática imposta, uma gramática da norma:

Há um verdadeiro “trauma escolar nacional” em função do estudo dos verbos. Possivelmente, essa dificuldade acentuada e bloqueante se dê em consequência da distância entre o que as gramáticas normativas dizem que deveria ser a conjugação e o uso de algumas formas verbais de aquilo que se pratica no cotidiano dos falantes. (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 10-11)

Por isso, para este trabalho, escolhemos o verbo como conteúdo gramatical a ser discutido, não só pela importância que exerce no discurso: “o verbo é uma das palavras mais importantes, se não a mais importante da oração” (MELO *apud* NUNES, 2001, p. 32); mas também pelo grande poder que possui, por ser causador de medo e constrangimento nos alunos, pois, sem sombra de dúvidas, é o conteúdo do qual os alunos mais têm dificuldade de aprendizado. Por isso achamos válido que o nosso projeto de intervenção contemplasse um conteúdo visto pelos alunos como tabu e até utopia.

A importância do verbo se dá principalmente pelo cuidado que seu estudo requer, e por ser uma classe gramatical tão complexa e extensa: “ele [o verbo] pode apresentar perto de sessenta formas diferentes (...), é responsável pela expressão do mais numeroso e complexo conjunto de conteúdos gramaticais” (AZEREDO *apud* CAETANO, 2013, p. 2); optamos, ainda, por restringir o tema ao estudo de flexão de pessoa e número dos verbos.

A definição de verbo é por si só embaraçosa. A confusão ocorre, principalmente, pela relação que se tenta dar entre o tempo real e o tempo manifestado pelo verbo, como também quando se diz que o verbo é um estado ou uma ação, visto que existem palavras que não são verbos e também exprimem tais fenômenos.

Apresentamos, a seguir, três definições de verbo que são explicitadas em gramáticas normativas de três dos mais renomados gramáticos tradicionais. Evanildo Bechara (2003, p. 209) afirma que “entende-se por verbo a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza no falar seu significado lexical”; Domingos Paschoal Cegalla (2005, p. 194) diz que “verbo é uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno”; e Rocha Lima (2005:122), por sua vez, diz o seguinte: “O verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres. É a parte da oração mais rica em variações de forma ou acidentes gramaticais. Estes acidentes gramaticais fazem que ele mude de forma para exprimir cinco ideias: modo, tempo, número, pessoa e voz”.

As definições apresentadas são, respectivamente, complexas, superficiais e a última, uma junção das duas primeiras, apontando assim para a perspectiva de como se tem trabalhado a questão do verbo em sala de aula: um ensino dissociado da realidade do aluno, com regras distantes dessa realidade e que não são usadas, de fato, pelos alunos em suas práticas orais e de escrita. Muitos professores têm consciência disso, e até tentam colocar em prática um ensino não tradicional, mas acabam acreditando que o ensino da gramática normativa é importante e será o único a ter validade na vida do aluno. Sobre isso Luft afirma que:

É evidente que o ensino gramaticalista de teoria, de metalinguagem, traz consequências maléficas, pois há uma verdadeira sobrecarga de inutilidades e normas demais, fora da realidade ou superadas por novos usos. No entanto, muitos professores acreditam na relevância do ensino gramatical e acabam por reduzir as aulas de Português às atividades com regras gramaticais fora da realidade da criança. (LUFT *apud* NUNES, 2001, p. 10)

Vargas (2010) afirma que o estudo dos verbos na gramática normativa é feito de forma fragmentada e descontextualizada, sem proporcionar ao falante a possibilidade de refletir sobre o seu uso, ou fazer algum tipo de relação entre seu ensino e sua real aplicabilidade. Ainda de acordo com o autor, a forma mecanicista com que o verbo é tratado leva o aluno a um ensino da regra pela regra, com infinitas exceções, a fim de apenas decorar tabelas e mais tabelas verbais e realizar uma enxurrada de exercícios de classificação e identificação; sem, no entanto, ter a competência de aplicar esses conhecimentos nas diversas situações discursivas, sejam elas orais ou escritas.

Nas gramáticas e nos materiais didáticos (livros, apostilas, manuais de orientação ao professor etc.), o tratamento dado ao verbo, em geral, limita-se à exposição de modelos de conjugação, com todas as formas temporais e modais, sem que se explique, por exemplo, por que alguns verbos permitem certas construções e outros não. (VARGAS, 2010, p. 4)

Observamos, então, que na gramática normativa o verbo não é analisado de forma contextualizada, mas sim em frases soltas, com exemplos fragmentados e exercícios que têm apenas o intuito de reproduzir uma teoria ultrapassada de memorização, descontextualizada e desvinculada das práticas de linguagem. A aplicação de exercícios de repetição e memorização não levará o aluno a refletir sobre a língua e nem sobre seu uso real; a esse propósito, Possenti (1996, p. 47) constata que: “o modo de conseguir na escola a eficácia obtida nas casas e nas ruas é “imitar” da forma mais próxima possível as atividades linguísticas da vida”. Em relação à aplicação de exercícios gramaticais descontextualizados, Possenti (1996, p. 47) afirma, ainda, que:

Nada disso se faz na vida real, porque nada disso ajuda ninguém a aprender uma língua. Em resumo, poderíamos enunciar uma espécie de lei, que seria: não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas [...]. O domínio de uma língua, repito, é o resultado de práticas efetivas, significativas, contextualizadas.

Dada nossa realidade educacional e nossas práticas escolares, verifica-se a relevância da aprendizagem do “bem” falar e do “bem” escrever, mas, para que isso ocorra, as práticas e o conhecimento linguístico dos alunos não devem ser desprezados, ou até mesmo repudiados. Há que se compreender e buscar alternativas de um ensino que parta do conhecimento do sujeito aprendiz, que sejam realizadas práticas de ensino que façam sentido para esse público que é o alvo de todo esse processo de ensino aprendido. Especificamente nos estudos dos verbos, tem-se que fugir, portanto, dessas práticas improdutivas apontadas por Possenti (1996), isto é, considerar as práticas reais de uso da escrita com as quais os alunos lidam e, a partir delas, aprendem a se comunicar e interagir de forma tão eficaz. Na seção seguinte, veremos como se dá o ensino da flexão verbal de pessoa e número na perspectiva da Gramática Normativa e de dois livros didáticos.

3.3- O ENSINO DA FLEXÃO VERBAL (PESSOA E NÚMERO) NA PERSPECTIVA DA GRAMÁTICA NORMATIVA E LIVROS DIDÁTICOS.

Para apresentarmos a forma como a flexão verbal de pessoa e número se dá na perspectiva da gramática normativa, usaremos duas gramáticas: a *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (2005) e a *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (2005). A motivação para a escolha dessas duas obras foi o fato de serem consideradas normativas e tradicionais. Posteriormente apresentaremos, também, a forma como o referido conteúdo é apresentado nos dois últimos livros didáticos adotados pela rede municipal de ensino de Palmeirante/TO, para a segunda fase do Ensino Fundamental.

Na primeira gramática, de Domingos Paschoal Cegalla, o conteúdo de flexão verbal de pessoa e número é apresentado da seguinte forma:

Pessoa e número

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	plural
1ª pessoa	eu <i>penso</i>	nós <i>pensamos</i>
2ª pessoa	tu <i>pensas</i>	vós <i>pensais</i>
3ª pessoa	ele <i>pensa</i>	eles <i>pensam</i>

(CEGALLA, 2005, p. 200)

Vemos que, na gramática de Cegalla, o conteúdo de pessoa e número do verbo informa apenas que o verbo varia para indicar número e pessoa, mostrando tão somente os seis usos tradicionais de pessoa e dizendo que o verbo pode/deve ser flexionado quanto ao seu número (singular/plural). O autor não cita nenhum exemplo e nem diz se as seis pessoas do verbo são produtivas, ou seja, se são usadas por todos falantes da Língua Portuguesa, como, por exemplo, “considerando as seis pessoas gramaticais, não levamos em conta que a 5ª, ou 2ª do plural, é de um rendimento mínimo, pois está circunscrita a certos registros especiais da língua escrita” (CÂMARA JUNIOR, 1992, p. 105), nem cita que palavras substituem as expressões em desuso pelos falantes.

Quanto aos exercícios, só encontramos um, voltado especificamente para o conteúdo de pessoa e número verbal, e este estava no final do capítulo dos verbos, em uma lista de exercícios que reunia os conteúdos apresentados no capítulo, segue o exercício mencionado:

Passe para a 2ª pessoa do plural:

- a) Não empreste o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
- b) Não lisonjeies nem maldigas, faz o bem, foge do mal e não te arrependerás.
- c) Se aspiras à paz definitiva, sorri ao destino que te fere.
- d) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.
- e) Bane do espírito o fantasma da dúvida e põe tua confiança em Deus.
- f) Não despreze o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.
- g) Não reclames da visita inesperada: receba-a sempre bem.

(CEGALLA, 2005, p. 258)

É fácil perceber que o exercício apresentado é artificial (descontextualizado), propondo somente a realização de uma atividade que não levará o aluno a refletir sobre o

que está fazendo; além disso, o autor se vale de frases com verbos que raramente são usados (lisonjeies, bane), certamente retirados de obras relativamente antigas, deixando a impressão que se trata de uma língua distante do falante e de seus usos linguísticos.

Concluimos, então, que a gramática de Cegalla é formal, e seu título explicita certa confusão, considerando que recebe o título de “*Novíssima gramática da Língua Portuguesa*” e elege um padrão linguístico que se identifica apenas com usos do passado, desprezando todas as mudanças e as variações que a língua sofreu no decorrer dos anos, afirmação essa reforçada na sinopse da contracapa da gramática “somente um estudioso do nosso idioma, da envergadura do professor Domingos Paschoal Cegalla, poderia sistematizar conteúdos gramaticais e concretizar uma gramática deste porte, que reúne abrangência, rigor e profundidade” (CEGALLA, 2007). Acreditamos que essa descrição, principalmente no que tange à abrangência, ao rigor e à profundidade, diz-nos muito sobre a metodologia da gramática ora citada.

Passemos, agora, para a abordagem da flexão de número e pessoa do verbo apresentada na gramática de Rocha Lima; aqui, o referido conteúdo é apresentado da seguinte forma:

Pessoa e número

O NÚMERO e a PESSOA são os acidentes que mostram a qual das três classes de sujeito se refere o verbo, e, ainda, se tal sujeito está no singular, ou plural.

(ROCHA LIMA, 2005, p. 123)

Isso é tudo o que é apresentado sobre número e pessoa dos verbos na gramática de Rocha Lima; o autor não cita as três pessoas verbais, nem diz se tais pessoas são produtivas ou não nas situações comunicativas reais, e nem dá exemplos de seu uso. Dessa forma, observamos que Rocha Lima apresenta o conteúdo, em sua gramática, de forma resumida, em um estudo da regra pela regra, não fazendo uso de textos para explicar o referido conteúdo. No prefácio da referida gramática afirma-se que “a gramática normativa do professor Rocha Lima vai desempenhar papel relevantíssimo no estudo da língua portuguesa. É que a pertinaz campanha contra o ensino pela gramática está a prejudicar o estudo da língua” (Rocha Lima, 2005, xviii). Este trecho do prefácio, por sim só, deixa claro que a referida obra se trata de uma gramática puramente tradicional.

Passemos agora para apresentação de como o conteúdo de flexão verbal de pessoa e número é abordado em dois livros didáticos. Citaremos aqui, como exemplo, as duas coleções adotadas pelo município de Palmeirante/TO nos últimos cinco anos, através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. O primeiro livro é o da coleção *Português Ideias e Linguagens*, de Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro, o segundo livro é da coleção *Singular e Plural (leitura, produção e estudos da linguagem)*, de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart.

A primeira coleção foi adotada pelo município para os triênios 2008-2010 e 2011-2013, para ser trabalhado nas séries do 6º ano ao 9º ano do Ensino Fundamental. O estudo sobre os verbos é iniciado no 1º volume da coleção, destinado ao 6º ano; os autores apresentam o conceito de verbo e logo após afirmam que “as formas verbais mudam suas terminações para indicar tempo, pessoa e número”, para, em seguida, apresentar apenas uma tabela com frases apresentadas no singular e plural, expondo a marcação de pessoa e número.

Quadro 3: Marcação de pessoa e número nas frases.

Singular	Plural	
Eu vivo na Terra.	Nós vivemos na Terra. → (vivo, vivemos correspondem aos pronomes de 1ª pessoa eu, nós — quem fala)	
Tu vives na Terra.	Vós viveis na Terra. → (vives, viveis correspondem aos pronomes de 2ª pessoa tu, vós — com quem se fala)	
Ele vive na Terra.	Eles vivem na Terra. → (vive, vivem correspondem aos pronomes de 3ª pessoa ele, eles — de quem se fala)	
Presente	Passado	Futuro
Ninguém comenta nada. Eles sabem das novidades. Vanda sai de queixo em pé.	Ninguém comentou nada. Eles souberam das novidades. Vanda saiu de queixo em pé.	Ninguém comentará nada. Eles saberão das novidades. Vanda sairá de queixo em pé.

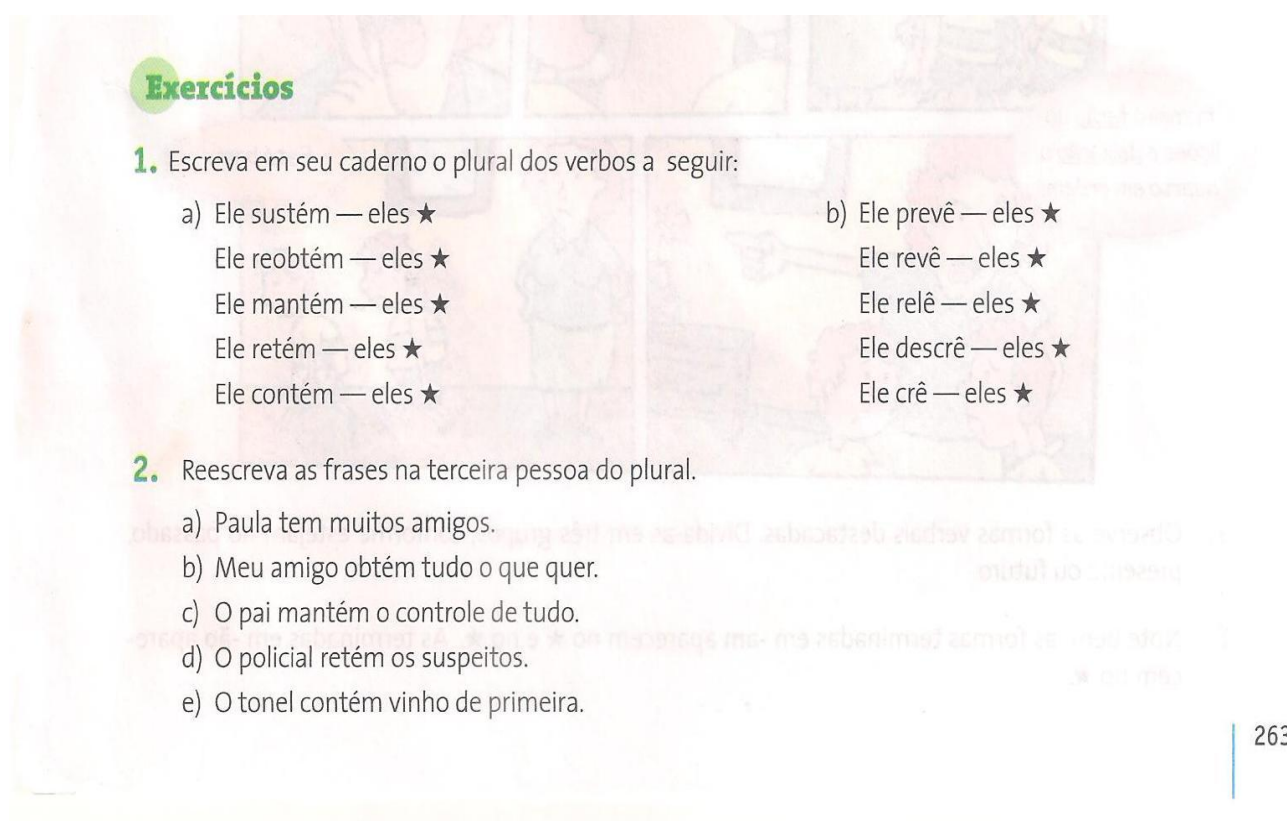
Fonte: DELMANTO E CASTRO (2009, p. 262).

Em momento algum, as autoras esclarecem se todas as formas apresentadas são usadas e em que regiões. As autoras, dessa forma, deixam transparecer que apenas as formas apresentadas são aceitáveis, desprezando as formas que substituem alguns desses usos em muitas ocasiões da fala informal, como é o caso de (tu, nós, vós), informando apenas as três pessoas do singular e as três do plural. Numa abordagem tradicional e superficial, os autores não apresentam, assim, opções para que o aluno valide seus dizeres, pois certamente faz uso de palavras como você, a gente e vocês.

Em seguida, as autoras apresentam uma série de exercícios sobre conjugação de pessoa e número dos verbos; todos eles seguindo a mesma linha tradicionalista, exercícios que não levam o aluno a refletir sobre o uso de tais conjugações nas mais diversas situações de uso da língua.

Vejamos alguns dos exercícios a seguir:

Quadro 4: Exercícios sobre conjugação de pessoa e número dos verbos



Exercícios

1. Escreva em seu caderno o plural dos verbos a seguir:
 - a) Ele sustém — eles ★
Ele reobtém — eles ★
Ele mantém — eles ★
Ele retém — eles ★
Ele contém — eles ★
 - b) Ele prevê — eles ★
Ele revê — eles ★
Ele relê — eles ★
Ele descrê — eles ★
Ele crê — eles ★
2. Reescreva as frases na terceira pessoa do plural.
 - a) Paula tem muitos amigos.
 - b) Meu amigo obtém tudo o que quer.
 - c) O pai mantém o controle de tudo.
 - d) O policial retém os suspeitos.
 - e) O tonel contém vinho de primeira.

263

3. Escreva duas frases com a terceira pessoa do singular do presente do verbo **ter** e duas com a terceira pessoa do plural do presente do mesmo verbo.
4. Faça o mesmo com os verbos **ler** e **rever**.

Fonte: DELMANTO E CASTRO (2009, p. 263-264).

Podemos constatar que os exercícios contemplam uma abordagem tradicional; não fazendo nenhuma relação com os usos cotidianos da língua, são exercícios mecânicos, que não levam o aluno a refletir, mas apenas a decorar tal conteúdo. “Essa junção de um monte de regras que não se utiliza com um uso totalmente diverso do cotidiano dos

alunos acaba provocando um grande desânimo neles” (FERRAREZI JÚNIOR, 2014, p. 57): isso explica o desgosto que alguns alunos têm em relação às aulas de Língua Portuguesa, ainda mais quando os mesmos veem que seus dizeres não são sequer citados como dizeres válidos.

Partimos, agora, para a forma como o conteúdo de pessoa e número dos verbos é abordado no livro atualmente utilizado pelos alunos da segunda fase do Ensino Fundamental, da rede Municipal de Educação, no município de Palmeirante. Trata-se da coleção *Singular e Plural (leitura, produção e estudos da linguagem)*, de autoria de Laura de Figueiredo, Marisa Balthasar e Shirley Goulart. A referente coleção foi adotada pelo município para o triênio 2014-2016; nela, o conteúdo de pessoa e número dos verbos é apresentado no volume sete, destinado para o estudo com alunos do 7º ano.

A variação de número e pessoa é apresentada por meio da leitura de uma tirinha de Garfield; a partir dessa tirinha, os autores apresentam três exercícios para que os alunos percebam as possíveis mudanças verbais existentes no texto, para então apresentar as pessoas verbais.

1. Leia a tirinha a seguir.



- O primeiro quadrinho cria a expectativa de que Garfield pretende ganhar de Odie na corrida. Por que a atitude do gato nos quadrinhos seguintes torna a tira engraçada?
 - No último quadrinho, se o gato tivesse ganhado, o que ele teria de falar para se declarar o vencedor?
 - Haveria alguma mudança no verbo? Qual?
 - Por que teria ocorrido essa mudança?
 - Se houvesse mais de um vencedor, como o verbo ficaria?
 - Ocorreria alguma mudança no verbo? Qual?
2. Copie no caderno a opção correta: as variações observadas na atividade anterior indicam mudanças no verbo relativas a...
- tempo
 - número
 - pessoa
 - grau
3. A que conclusão você chega com essa atividade? O que provocou as mudanças nos verbos?
- A resposta da questão 3 também é importante para responder à pergunta no fim do capítulo. Não se esqueça de anotá-la no caderno!

BALTHASAR, FIGUEIREDO, GOULART (2012, p. 228).

As autoras afirmam que existem três pessoas do discurso ou três pessoas gramaticais, reforçando a afirmação da seguinte forma:

Quadro 5: Pessoas do discurso e pessoas gramaticais.

1ª pessoa – aquela que fala: eu (singular) ou nós (plural);
2ª pessoa – aquela para quem se fala: tu ou você (singular), vós ou vocês (plural);
3ª pessoa – aquela de quem se fala: ele ou ela (singular), eles ou elas (plural).

BALTHASAR, FIGUEIREDO, GOULART (2012, p. 228).

Podemos ver que as autoras apresentam duas ocorrências que não são apresentadas nas gramáticas tradicionais (você/vocês). Balthasar, Figueiredo, Goulart (2012, p. 229) afirmam que a gramática normativa dita regras para a flexão dos verbos, mas que nem sempre todas as variedades de nossa língua seguem as regras impostas pela gramática tradicional. Isso mostra que as autoras tiveram a preocupação de mostrar aos alunos, mesmo que de forma resumida, que nem todos os usos das flexões são produtivos e nem empregados em todas as variedades linguísticas.

Isso é importante, pois mesmo que não façam uma abordagem mais profunda, o aluno poderá refletir sobre os usos que tem feito (você/vocês), e perceber que esses usos também são válidos, mas que deve atentar para a ocasião oportuna em que deve e pode usá-los. Além do mais, os autores fazem uso de diversos textos de diferentes gêneros, tais como fábula, tirinhas e notícias, para, a partir deles, apresentar os conteúdos gramaticais, de forma que leve o aluno a perceber o ensino um pouco mais próximo de sua realidade linguística.

Entendemos que a escola avançou em relação à escolha do livro didático, visto que a primeira coleção apresentada, e adotada pelo município por seis longos anos, tinha como base a gramática como ensino da língua, sem que houvesse uma reflexão da língua e de sua real aplicabilidade, apresentando o conteúdo gramatical tradicionalista, com exercícios que privilegiavam regras mecânicas e estruturais, desprezando o conhecimento prévio do aluno.

A segunda coleção apresentada, e atualmente usada pela escola, mostra-nos uma tentativa dos autores de acompanhar as reformulações alcançadas pelos estudos linguísticos no decorrer dos anos, dando ênfase ao estudo da gramática a partir dos gêneros textuais. Entretanto, os alunos ainda veem a disciplina de Língua Portuguesa como algo distante de suas capacidades de aprendizagem, acreditando que não têm capacidade de dominar os conhecimentos da nossa língua e não reconhecem seus

dizeres, sua fala, como formas que têm validação linguística, comunicativa em suas práticas sociais de interação.

4. O PROJETO E A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA DE INTERVENÇÃO, VERIFICANDO AS VANTAGENS OU DESVANTAGENS DA PROPOSTA DA GRAMÁTICA DE BAGNO.

4.1 - DADOS GERAIS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Tema: *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*: Uma proposta de Aplicação da Gramática de Marcos Bagno em uma turma de Ensino Fundamental de uma Escola Rural em Palmeirante – TO (Verbos: Flexão de pessoa e número).

Público alvo: Alunos de uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental.

Colaboradores: Discentes da turma, coordenação pedagógica e direção.

Duração do projeto: De abril a junho de 2014.

4.1.1 - JUSTIFICATIVA

É comum ouvir, por parte dos alunos, reclamações em relação às aulas de Língua Portuguesa. Essas reclamações se intensificam quando o assunto é o ensino da gramática e suas normas, tendo grande rejeição em sala de aula, visto que a gramática estabelece normas e regras consagradas por grandes escritores, que, em grande parte, distanciam-se das normas de uso social, consagradas pela maior parte dos usuários da língua.

Dessa forma, o que propusemos, neste projeto de intervenção, foi conhecer e aplicar a *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, escrita por Marcos Bagno que, segundo o autor, propõe o ensino de gramática voltado para o uso real da língua, aproximando o aprendizado escolar das práticas reais de uso. Acreditamos que essa proposta, sendo adotada por professores de língua materna, pode ajudar a combater o preconceito linguístico presente na sociedade, e dentro da escola, fazendo com que o aluno reconheça o valor presente em seus dizeres, para que não veja mais o ensino de gramática como algo distante e intocável, algo a ser admirado apenas, mas não adquirido e usado.

De uma coisa não podemos escapar: as línguas evoluem, apesar da oposição, dos esforços e da cara fechada dos gramáticos. Não se trata de um “perigo”, existe perigo é quando nos dizem que a língua usada pelos cento e muitos milhões de brasileiros não merece respeito, e que apenas os especialistas é que detêm o poder de “falar certo”. (PERINI, 2004, p. 24)

O desestímulo em relação ao aprendizado da língua se torna notório, o aluno acaba vendo a norma-padrão como algo muito distante da sua realidade, como algo intocável e inconcebível. Para Bagno (2007, p. 194), o despreparo em aceitar a língua do aluno por parte da escola, gera, entre os alunos, uma profunda antipatia pelas aulas de língua portuguesa, consideradas tediosas e desinteressantes, e, entre as professoras, um sentimento de frustração, por não conseguirem conquistar o interesse dos alunos para algo que elas consideram tão importante e relevante para a vida futura dos aprendizes; no caso, o domínio da norma-padrão.

Dessa forma, destacamos que nossa intenção foi verificar a produtividade na aplicação da gramática de Marcos Bagno, para, assim, tentarmos realizar aulas que levassem o aluno a conhecer, adquirir e fazer uso da gramática ensinada na escola, para que se conscientizasse de que sua língua e cultura são tão importantes quanto às outras.

4.1.2 - OBJETIVOS

Geral

- Trabalhar a flexão verbal de pessoa e número nas perspectivas da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, proposta por Bagno (2011), e da gramática normativa.

Específicos

- Identificar especificidades da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno;
- Aplicar uma abordagem metodológica de ensino de flexão verbal, a partir da proposta de ensino da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, especificamente no ensino da flexão verbal de pessoa e número de alguns verbos;

- Avaliar, juntamente com os alunos, a produtividade do estudo desse conteúdo nas duas perspectivas propostas;
- Relatar a experiência vivenciada no projeto de intervenção, verificando as vantagens ou desvantagens da proposta da gramática de Bagno.

4.1.3 - METODOLOGIA

A proposta de intervenção elaborada foi desenvolvida em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental, composta por dezesseis alunos de uma escola rural da rede municipal de Palmeirante – TO. Tenho ministrado aulas de Língua Portuguesa, como professora regente, na referida turma desde o início de 2014, e acredito que isso tenha facilitado o andamento das atividades propostas, visto que já conhecíamos um pouco os alunos bem como suas limitações em relação ao aprendizado gramatical.

A abordagem da pesquisa foi qualitativa, nela buscamos mais a subjetividade do que a objetividade, uma vez que “a busca de objetividade é um tanto quanto inadequada, já que o foco de interesse é justamente a perspectiva dos participantes” (CASSEL-SYMON *apud*, DALFOVO – LANA – SILVEIRA, 2008, p. 10).

Por se tratar de uma proposta de intervenção em sala de aula, por meio da qual buscamos compreender e intervir no processo de ensino aprendizado de nossos alunos, especificamente no aprendizado do conteúdo gramatical, de flexões verbais, inserimo-nos, como já dissemos, na perspectiva da pesquisa qualitativa, centrando-nos no processo mesmo de ensino e não somente nos resultados. Assim, considerando o professor enquanto pesquisador, nos moldes propostos por Bortoni-Ricardo (2008), concordamos que:

O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática [...], [como] seu compromisso de refletir sua prática. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.46)

Dessa forma, refletindo minha prática, com vistas ao processo de ensino, à participação e ao desenvolvimento dos alunos, ao longo das atividades propostas na intervenção, orientei o trabalho de ensino de forma participativa. Para tanto, o tipo de pesquisa que consideramos aceitável para este trabalho foi a pesquisa-ação, pois

possibilita uma nova forma de construção do conhecimento, colocando o aluno como objeto de estudo e buscando possibilidades de intervir na sua realidade. A respeito da pesquisa-ação, Thiollent afirma que:

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com uma resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participante representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT apud GIL, 2002, p. 55)

A intervenção foi desenvolvida, assim, por meio da ação colaborativa, com a construção de conhecimentos a respeito dos usos das flexões verbais de pessoa e número, tendo em vista duas abordagens de estudo desse conteúdo, a partir da gramática normativa e da gramática de uso, ou melhor, da gramática pedagógica proposta por Bagno (2011).

O projeto de intervenção foi realizado em 26 (vinte e seis) aulas de 45 (quarenta e cinco) minutos, distribuídas em 08 (oito) planos. A opção por essa quantidade de aulas se justifica pelo fato de já acompanharmos a turma desde o início do ano, como já dissemos, não sendo necessário o uso de aulas para a observação inicial, e também pelo fato de termos restringido o conteúdo apenas ao ensino da flexão verbal de pessoa e número de alguns verbos, sendo esse número de aulas suficiente para o desenvolvimento das atividades aqui propostas.

Anteriormente à realização das atividades de intervenção realizamos um estudo da proposta de ensino da gramática de Bagno (2011), para que pudéssemos ter o conhecimento necessário para aplicar essa proposta na intervenção. Trabalhamos com a turma o conteúdo da flexão de número e pessoa de verbos na perspectiva da gramática normativa; depois abordamos o mesmo conteúdo da maneira como propõe Bagno, a partir do uso, em textos de variados gêneros.

Dessa forma, iniciamos as aulas sobre o conteúdo de flexão verbal de pessoa e número de alguns verbos. Mostramos aos alunos como o conteúdo é apresentado nas gramáticas normativas e materiais didáticos, para que, assim, o aluno garanta seu direito de acesso à norma-padrão.

É interessante ressaltar que aplicamos, também, exercícios retirados das gramáticas normativas e livros didáticos trabalhados, mas esse recurso metodológico não é abordado por Bagno, tendo sido uma opção pessoal, a fim de que o aluno conhecessem, também, a forma como os exercícios são aplicados nesses materiais.

Após isso partimos para o trabalho do conteúdo a partir da proposta da *Gramática Pedagógica*. De acordo com o autor, os conteúdos gramaticais devem ser trabalhados a partir da observação dos usos reais da língua. O autor esclarece, ainda, que tais observações devem ser feitas em textos autênticos, tais como os gêneros textuais: “Como repetirei diversas vezes nessa gramática, essa observação só pode ser feita em textos autênticos, falados e escritos, nos múltiplos gêneros discursivos que circulam na sociedade” (BAGNO, 2011, p. 542).

Dessa forma, levamos para a sala de aula diversos textos, de diferentes gêneros que circulam na sociedade, tais como crônicas, entrevistas, debates políticos e capítulos de novelas. Além disso, pedimos que os alunos pesquisassem textos em materiais que possuíam em casa ou que costumavam ler em seus convívios sociais. Nosso objetivo foi a constituição de um *corpus*, composto de diversos textos de diferentes gêneros, aos que Bagno chama de textos de uso autêntico da língua, para assim realizar um confronto entre o padrão ideal, visto na gramática normativa, e o uso real da flexão verbal de pessoa e número.

Após a montagem do *corpus*, composto de “textos autênticos”, passamos a fazer a coleta de dados, em que os alunos iriam identificar, nos textos apresentados, todas as ocorrências de usos das flexões verbais clássicas de pessoa e número, tal como são apresentadas nas gramáticas normativas e livros didáticos. Após isso, os alunos foram instigados a identificar, nos mesmos textos, outras formas de usos das flexões verbais de pessoa e número, para que, assim, percebessem as mudanças que a língua vem sofrendo e que tais mudanças são autênticas, e como tal devem ser respeitadas.

Por fim, aplicamos um questionário com perguntas abertas, que segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 187), “são perguntas que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria e emitir opiniões”. Esse questionário foi aplicado com o intuito de que os alunos pudessem avaliar as duas maneiras como o conteúdo foi ministrado, na perspectiva da gramática normativa e da gramática pedagógica, isto é, relatar qual das duas maneiras de estudo foi mais produtiva no aprendizado deles.

4.2- A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO PROJETO DE INTERVENÇÃO

O presente relatório objetiva descrever as atividades desenvolvidas durante o projeto de intervenção acima apresentado, desenvolvido no ano letivo de 2014, entre os meses de setembro a novembro, que teve como intuito conhecer e aplicar a proposta da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, desenvolvida pelo linguista e filólogo Marcos Bagno, na já referida turma. Apresentamos, aqui, a descrição de cada aula realizada, buscando expor a forma como as atividades foram conduzidas bem como a participação e impressão dos alunos diante das referidas atividades.

Aula um (duas horas/aula)

Na primeira aula, apresentamos aos alunos a proposta de trabalho a ser desenvolvida. Quanto à apresentação dos discentes, foi dispensada, visto já darmos aulas na referida turma desde o início do ano letivo. Em um primeiro momento, esclarecemos que se tratava do desenvolvimento de um trabalho de pós-graduação e que a identidade de todos seria preservada, explicamos ainda como seria a dinâmica de desenvolvimento das atividades e falamos da importância da participação de cada um na realização de cada atividade.

Alguns alunos demonstraram imediato desinteresse em relação à proposta apresentada, questionando logo se as atividades valeriam pontos no final do bimestre. Como já havíamos conversado com a coordenação pedagógica, confirmei a eles que sim, que todas as atividades valeriam ponto, visto que usaríamos pelo menos vinte aulas da turma e não poderíamos prejudicá-los de forma alguma. Outros alunos tiveram dificuldade em compreender a proposta, sendo necessário repetir a explicação. Essa dificuldade se deu principalmente em relação ao conceito de “gramática”, muitos alunos desconheciam o significado da palavra, achando que todos os conteúdos apresentados nas aulas eram apenas estudos do Português, o que nos levou a elaborar uma explicação do termo e esclarecer que os conteúdos gramaticais estavam inseridos no livro didático que eles possuíam e que sempre estudaram.

Após esclarecer algumas dúvidas quanto à proposta de intervenção que seria realizada junto aos alunos, dedicamos algum tempo dessas aulas para explicarmos sobre o que significava a palavra gramática, de que forma ela fazia parte tanto da vida escolar como da vida não escolar, de modo que os alunos pudessem compreender como a gramática estava presente em seu cotidiano, sobretudo diferenciando a gramática - livro,

da gramática da língua. Observamos que, após as nossas explicações, alguns alunos conseguiram até certo ponto compreender o que estava sendo designado por esse termo, mas a grande maioria não entendeu, sendo que alguns disseram que não gostavam desse assunto, que era muito complicado.

Embora já tivéssemos percebido a resistência dos alunos em estudar esse conteúdo, prosseguimos as atividades de intervenção, buscando sempre dialogar com os alunos e retomar o conceito de gramática, para que assim pudessem compreender da melhor forma o conteúdo trabalhado.

Aula dois (três horas/aula)

Nessas três aulas apresentamos aos alunos o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da gramática normativa, para tal usamos o conteúdo apresentado nas gramáticas de *Domingos Paschoal Cegalla* e *Luiz Antônio Sacconi*. A proposta da aula seria apresentar esse conteúdo usando o aparelho de *data show* com *slides*, que já estavam preparados, mas o referido equipamento, que pertence à escola, estava com defeito e todo o conteúdo teve de ser escrito no quadro, o que nos fez perder um pouco de tempo. Após apresentar o conteúdo no quadro, passamos para a sua explicação.

Com o conteúdo já em poder dos alunos, iniciamos a explicação sobre a conjugação verbal de pessoa e número tal como é apresentada nas gramáticas normativas aqui citadas. Antes de iniciar, ressaltamos a importância de os alunos se apropriarem daquele conteúdo, visto que seria cobrado em todas as provas que eles viessem a fazer, incluindo todas as avaliações externas que o governo aplicasse e provas de vestibular e Enem, pois se tratava da língua culta e formal, de que deveriam se apropriar.

A maioria da turma, em torno de 90%, teve muita dificuldade, principalmente para entender o conceito de verbo e também como identificá-lo nas orações. Para nossa frustração, mesmo já no fim do oitavo ano do Ensino Fundamental, os alunos ainda apresentavam muita dificuldade sobre esse tema, sendo necessário usar um bom tempo da aula para sanar as suas dúvidas, não dando para seguir o conteúdo sem antes tentar atenuar a dificuldade dos alunos em relação à definição e identificação dos verbos.

Após as devidas explicações sobre os verbos, voltamos nossa atenção para o conteúdo inicial da aula, que era a conjugação verbal de pessoa e número tais como apresentadas nas gramáticas normativas. Questionamos os alunos se eles usavam todas as flexões que foram apresentadas na tabela clássica, e a resposta negativa foi unânime, alguns alunos afirmaram que nunca empregaram algumas daquelas palavras no seu dia-a-dia, em suas relações interpessoais; “vós” foi uma das palavras que causou mais estranhamento entre os mesmos. Aproveitando a deixa, perguntamos a eles que palavra era usada no lugar de “vós”, a resposta não foi imediata, os alunos pensaram um pouco e responderam “vocês”; o mesmo foi feito com as demais palavras que os alunos afirmaram quase não fazer uso, como por exemplo: “*a gente pensa*” ao invés de “*nós pensamos*”, “*vocês pensa*” ao invés de “*vós pensais*”, “*você pensa*” ao invés de “*tu pensas*”. Acreditamos que foi a partir desse momento que os alunos começaram a entender melhor a proposta do trabalho. Segue abaixo uma das tabelas apresentadas aos alunos, retirada da *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*, de Domingos Paschoal Cegalla (2005).

2 PESSOA E NÚMERO

O verbo varia para indicar o número e a pessoa. Exemplo:

	singular	plural
1ª pessoa	eu <i>penso</i>	nós <i>pensamos</i>
2ª pessoa	tu <i>pensas</i>	vós <i>pensais</i>
3ª pessoa	ele <i>pensa</i>	eles <i>pensam</i>

(CEGALLA, 2005: 200)

Aula três (três horas/aula)

Iniciamos esta aula lembrando um pouco o conteúdo visto na aula anterior, em seguida entregamos aos alunos exercícios sobre flexão verbal de pessoa e número retirados das gramáticas de *Luiz Antônio Sacconi* e *Domingos Paschoal Cegalla*. Os alunos sentiram grande dificuldade em resolver os exercícios propostos. Na primeira questão, pedia-se aos alunos que identificassem os verbos nas frases; mesmo já tendo

explicado o conceito de verbo, os alunos, em sua maioria, não conseguiram resolver a questão sem que houvesse grande intervenção de nossa parte.

Já a segunda questão pedia aos alunos que identificassem a pessoa e número das formas verbais apresentadas no exercício; as formas verbais que os alunos tiveram mais dificuldade de resolver foram as que estavam na segunda pessoa do singular e na terceira pessoa do plural.

O terceiro exercício pedia que os alunos passassem os verbos das frases para a segunda pessoa do plural, mais uma vez os alunos esbarraram na dificuldade de localizar os verbos nas frases, como também muita dificuldade em passar os referidos verbos para a segunda pessoa do plural.

O quarto e último exercício pedia que alunos passassem as frases apresentadas para a terceira pessoa do plural, as dificuldades foram iguais às do exercício anterior.

Com os exercícios resolvidos, passamos para a sua correção, e muitos alunos erraram diversas questões. Após a correção dos exercícios, questionamos os alunos sobre o que eles achavam daquele tipo de atividade, se eles achavam que era importante e se iria servir para a sua vida presente e futura, alguns responderam que sim, uma aluna disse que achava importante, pois acreditava ter aprendido a identificar os verbos nas orações, outros afirmaram achar muito difícil os exercícios e que acreditavam que aquilo não iria servir para nada. Um dos alunos disse que não adiantava nada, que aquele conteúdo não entrava na cabeça dele, que “aquele negócio de verbo” era muito difícil. Perguntamos então como eles achavam que deveriam ser os exercícios, a maioria não respondeu nada, apenas dois alunos responderam dizendo que achavam que deveriam ser mais fáceis.

Vejamos uma atividade respondida por um aluno:

Atividade 1²

Escola Municipal Barnabé Pereira de Sousa
Aluno: *Paula D. do S. Silva*
Data:

Exercício de fixação

1) Encontre os verbos.¹

a) O coração é uma riqueza que não se vende, não se compra, não se aluga.
b) É no coração do homem que reside o princípio e o fim de todas as coisas.
c) Quando o demônio da cobiça agarrá o humano coração, só morto o deixa.
d) Um homem não é nada mais do que aquilo que ele sabe.
e) A ingratidão é uma forma de fraqueza. Jamais conheci homem de valor que fosse ingrato.

2) Identifique a pessoa e o número aos quais pertence cada uma destas formas verbais.²

a) chegamos 1ª pessoa do plural b) ponho 1ª pessoa do singular c) piorou 3ª pessoa do singular
d) escrevi 1ª pessoa do singular e) sentiram 3ª pessoa do plural f) manchaste 2ª pessoa do singular

3) Passe para a 2ª pessoa do plural.³

a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
no empreste o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio
b) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.
ouve, vê e cala, viverás vida folgada
c) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.
nao despreze o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento
d) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.
nao reclame da visita inesperada: receba-a sempre bem

4) Reescreva as frases na terceira pessoa do plural.⁴

a) Paula tem muitos amigos.
ela tem muitos amigos
b) O pai mantém o controle de tudo.
o pai mantém o controle de tudo
c) O policial retém os suspeitos.
o policial retém os suspeitos
d) O tonel contém vinho de primeira.
os tonséis contém vinho de primeira

¹ Exercício retirado da Novíssima gramática ilustrada, de Luiz Antônio Sacconi.
² Idem 1.
³ Exercício retirado da Novíssima gramática da língua portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla.
⁴ Exercício retirado do livro didático do 6º ano, dos autores Dileta Demanto e Maria da Conceição Castro.

Escola Municipal Barnabé Pereira
Aluno:

Exercício de fixação

1) Encontre os verbos.¹

- a) O coração é uma riqueza que se vende, não se compra, não se aluga.
b) É no coração do homem que reside o princípio e o fim de todas as coisas.
c) Quando o demônio da cobiça agarrá o humano coração, só o morto o deixa.
d) Um homem não é nada mais do que aquilo que ele sabe.
e) A ingratidão é uma forma de fraqueza. Jamais conheci homem de valor que fosse ingrato.

2) Identifique a pessoa e o número aos quais pertence cada uma dessas formas verbais.²

- a) Chegamos 1ª pessoa do plural b) ponho 1ª pessoa do singular c) piorou 3ª pessoa do singular
d) escrevi 1ª pessoa do singular e) sentiram 3ª pessoa do plural f) manchaste 2ª pessoa do singular

3) Passe para a 2ª pessoa do plural.³

- a) Não emprestes o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
Não empresteis o teu nem o alheio, não terás cuidados nem receio.
b) Ouve, vê e cala, viverás vida folgada.
Ouça, vê e cala, viverás vida folgada.
c) Não desprezes o pobre, vai antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento |
Não desprezeis o pobre, ide antes ao seu encontro e alivia-lhe o sofrimento.
d) Não reclames da visita inesperada: recebe-a sempre bem.
Não reclameis da visita inesperada: recebei-a sempre bem.

4) Reescreva as frases na terceira pessoa do plural.⁴

- a) Paula tem muitos amigos.
Elas têm muitos amigos.
b) O pai mantém o controle de tudo.
Os pais mantêm o controle de tudo.
c) O policial retém os suspeitos.
Os policiais retêm os suspeitos.
d) O tonel contém vinho de primeira.
Os toneis contém vinho de primeira.

¹ Exercício retirado da Novíssima gramática ilustrada, de Luiz Antônio Sacconi.

² Idem 1.

³ Exercício retirado da Novíssima gramática da língua portuguesa, de Domingos Paschoal Cegalla.

⁴ Exercício retirado do livro didático do 6º ano, dos autores Dileta Demanto e Maria da Conceição Castro.

Aula Quatro (quatro horas/aula)

Iniciamos esta aula entregando aos alunos cópias da crônica “O lixo”, de Luis Fernando Veríssimo. Em um primeiro momento fizemos uma leitura do texto para nos familiarizarmos com ele, propusemos uma leitura compartilhada da crônica, com um aluno, lendo as falas da personagem masculina, e outro, as falas da personagem feminina. Após isso, pedimos aos alunos que fizessem uma nova leitura da crônica, e que dessa vez identificassem as flexões de pessoa e número dos verbos tais quais tinham sido vistas na tabela da conjugação clássica apresentada a eles em aulas anteriores. Como o texto é um pouco longo, os alunos usaram duas aulas para terminar a tarefa

² Exercício respondido pelo aluno D, 8º ano, 2014.

solicitada, e alguns ainda tiveram que terminar em casa, mais uma vez a grande dificuldade se deu em identificar os verbos.

Depois disso fizemos uma releitura da crônica, desta vez com os alunos citando as ocorrências das flexões localizadas por eles, foi possível constatar que os alunos deixaram passar várias ocorrências despercebidas, ocorrências essas mostradas a eles durante a leitura que fazíamos. De acordo com o que íamos citando, os alunos iam anotando as ocorrências no caderno, criando assim uma lista.

Atividade 2³

O LIXO
Luis Fernando Veríssimo

1
Encontram-se na área de serviço. Cada um com seu pacote de lixo. Ea primeira vez que se falam.

- Bom dia.
- Bom dia.
- A senhora é do 610.
- E o senhor do 612.
- E.
- Eu ainda não lhe conhecia pessoalmente...
- Pois eu.

2

- Desculpe a minha indiscrição, mas tenho visto o seu lixo...
- O meu quê?
- O seu lixo.
- Ah...
- Reparei que nunca é muito. Sua família deve ser pequena...
- Na verdade sou só eu.
- Mmmmh. Notei também que o senhor usa muita comida em lata.
- E que eu tenho que fazer minha própria comida. É como não sei cozinhar...
- Entendo.
- A senhora também...
- Me chama de você.
- Você perde a minha indiscrição, mas tenho visto alguns restos de comida em seu lixo. Champignons, coisas assim...
- E que eu gosto muito de cozinhar. Fazer pratos diferentes. Mas como moro sozinho, às vezes sobra...
- A senhora... Você não tem família?
- Tenho. Mas não aqui.
- No Espírito Santo.
- Como é que você sabe?
- Alguns envelopes no seu lixo. Do Espírito Santo.
- É. Mamãe escreve todas as semanas.
- Ela é professora?
- Isso é incrível! Como foi que você adivinhou?
- Pela letra no envelope. Achei que era letra de professora.
- O senhor não recebe muitas cartas. A julgar pelo seu lixo.
- Pois eu.
- No outro dia tinha um envelope de telegrama amassado.
- E.
- Mas notícias?
- Meu pai morreu.
- Sinto muito.
- Ele já estava bem velhinho. Lá no sul. Há tempos não nos vemos.
- Foi por isso que você começou a fumar?
- Como é que você sabe?
- De um dia para o outro começaram a aparecer carteiras de cigarro amassadas no seu lixo.
- É verdade. Mas consegui parar outra vez.
- Eu graças a Deus, nunca fumei.
- Eu sei... Mas tenho visto uns vidrinhos de comprimido no seu lixo...
- Tranquilizantes... Foi uma fase. Já passou.
- Você brigou com o namorado, certo?
- Isso também você descobriu no lixo?
- Primeiro o buquê de flores, com o cartãozinho, jogado fora. Depois, muito lenço de papel.
- E chorei bastante, mas já passou.
- Mas hoje ainda tem uns lençinhos...

3

- E que eu estou com um pouco de coriza.
- Ah...
- Vejo muita revista de palavras cruzadas no seu lixo.
- E, sim. Bem. Eu fico muito em casa. Não saio muito. Sabe como é.
- Namorada?
- Não.
- Mas há alguns dias tinha uma fotografia de mulher no seu lixo. Até bonitinha.
- Eu estava limpando umas gavetas. Coisa antiga.
- Você não rasgou a fotografia. Isso significa que, no fundo, você quer que ela volte.
- Você já está analisando o meu lixo!
- NÃO posso negar que seu lixo me interessou.
- Engraçado. Quando examinei o seu lixo, decidi que gostaria de conhecê-la. Acho que foi a poesia.
- Não! Você viu meus poemas?
- Vi e gostei muito.
- Mas são muito ruins!
- Se você achasse eles ruins mesmo, teria rasgado. Quero estavam dobrados.
- Se soubesse que você iria ler...
- Só não fiquei com eles porque, afinal, estaria roubando. Se bem que, não sei o lixo da pessoa ainda é propriedade dela?
- Acho que não. Lixo é domínio público.
- Você tem razão. Através do lixo, o particular se torna público. O que sobra da nossa vida privada se integra com as sobras dos outros. O lixo é comunitário. É a nossa parte mais social. Será isso?
- Bom, aí você já está indo fundo demais no lixo. Acho que...
- Ontem, no seu lixo...
- O quê?
- Me enganai, ou eram cascas de camarão?
- Acertou. Comprei uns camarões graúdos e descasquei.
- Eu adoro camarão.
- Descasquei, mas não comi. Quem sabe a gente pode...
- Jantar juntos?
- E.
- Não quero dar trabalho.
- Trabalho nenhum.
- Vai sujar a sua cozinha.
- Nada. Num instante se limpa tudo e põe os restos fora.
- No seu lixo ou no meu?

Fonte: <http://portalliteral.terra.com.br>

Com a lista em mãos, pedimos aos alunos que refletissem e pensassem quais daquelas flexões eles costumavam usar, que marcassem as que eles não usavam nunca, ou com pouca frequência, e que, após isso, tentasse substituir essas flexões por palavras que eles costumavam usar. Por fim, pedimos aos alunos que identificassem, também, que palavras já teriam aparecido no texto substituindo os usos clássicos das flexões verbais de pessoa e número e das quais eles costumam fazer uso.

³ Crônica "O lixo", de Luis Fernando Veríssimo

Tabela 1⁴

Flexões clássicas retiradas da crônica ou livro.	Flexões que se usam, tais que substituem os usos clássicos.	Flexões usadas	Flexões clássicas retiradas da crônica "O lixo"	Flexões comparadas com a clássica que, segundo o aluno, são usadas por ele.	Flexões usuais que substituem os usos clássicos.
Encontram-se	Se encontra	você; a gente	Encontram-se	Se encontra	Você; A gente.
Tenho visto	Vi		Tenho visto	Vi	
Não nos víamos	A gente não se via		Não nos víamos	A gente não se via	
Começamos a aparecer	Começou a aparecer		Começamos a aparecer	Começou a aparecer	
Estou	Tô		Estou	Tô	
Estava	tava		Estava	tava	
Conhecê-la	Te conhecer		Conhecê-la	Te conhecer	
Estavam	Estava		Estavam	estava	
Estaria	taria		Estaria	taria	
Eram	era		Eram	era	
Dar	Dá		Dar	dá	

Aula cinco (quatro horas/aula)

Para esta aula solicitamos aos alunos que pesquisassem e trouxessem para a sala de aula textos que usavam em casa ou que costumavam ler em seus convívios sociais. Dos dezesseis alunos matriculados, quatro faltaram à aula e, dos doze restantes, apenas oito levaram os textos solicitados. Entre os textos trazidos pelos alunos estavam: bulas de remédios, receita de bolo, crônicas e fábulas retiradas de livros didáticos, folheto litúrgico e história em quadrinhos.


O objetivo da aula era identificar, nos textos trazidos pelos alunos, ocorrências de flexões de pessoa e número dos verbos que estavam de acordo com a tabela da conjugação clássica presente nas gramáticas normativas. E, após essa etapa, identificar, nos mesmos textos, as palavras que substituíam os usos clássicos da conjugação verbal

⁴ Tabela preenchida pelo aluno G, 8º ano, 2014.

de pessoa e número dos verbos. Tendo em vista que alguns alunos não trouxeram o texto solicitado, foi pedido que alguns fizessem a atividade em dupla.

A título de exemplo, transcrevemos uma das identificações feitas pelos alunos: temos um folheto litúrgico, trazido por um aluno; nele o referido aluno destacou as ocorrências de flexão de pessoa e número presentes na conjugação clássica, em seguida pedimos ao aluno que refletisse e dissesse quais palavras ele usualmente usava no lugar daquelas destacadas. Por fim, pedimos que também identificasse que palavras apareciam no folheto substituindo os usos clássicos das flexões verbais de pessoa e número.

Atividade 3⁵

<p>12 DOMINGO NOSSA SENHORA APARECIDA (branco, glória, creio, pref. próprio – ofício da solenidade)</p>  <p>RITOS INICIAIS</p> <p><i>Celebramos a solenidade de Nossa Senhora Aparecida, mãe do povo brasileiro. Maria é a mãe sempre atenta às necessidades de seus filhos e filhas, mestra do serviço e da gratuidade. Com alegria, louvemos aquela que sempre disse sim a Deus e nos anima a cumprir a palavra de seu Filho. A padroeira do Brasil nos cobre com seu manto e nos ensina a ser verdadeiros discípulos missionários de Jesus.</i></p> <p>Antifona da entrada: Com grande alegria, <u>rejubilo-me</u> no Senhor, e minha alma exultará no meu Deus, pois <u>me revestiu</u> de justiça e salvação, como a noiva ornada de suas jóias (Is 61,10).</p> <p>Oração do dia</p> <p>Ó Deus todo-poderoso, ao <u>ren-</u> <u>dermos</u> culto à Imaculada Conceição de Maria, mãe de Deus e senhora nossa, <u>concede</u> que o povo brasileiro, fiel à sua vocação e vivendo na paz e na justiça, possa chegar um dia à pátria definitiva. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.</p>	<p>LITURGIA DA PALAVRA</p> <p><i>Geradora de vida, a sensibilidade feminina cerca de proteção e cuidado o povo de Deus: Ester intercede ao rei em favor do povo ameaçado; Maria pede a Jesus pelos noivos e pelos convidados ao casamento.</i></p> <p>I leitura (Ester 5,1-2; 7,2-3)</p> <p>Leitura do livro de Ester – ¹Ester <u>revestiu-se</u> com vestes de rainha e foi <u>colocar-se</u> no vestibulo interno do palácio real, frente à residência do rei. <u>O rei estava</u> sentado no trono real, na sala do trono, frente à entrada. ²Ao ver a rainha Ester parada no vestibulo, olhou para ela com agrado e <u>estendeu-lhe</u> o cetro de ouro que tinha na mão, e Ester <u>aproximou-se</u> para tocar a ponta do cetro. ^{7,2}Então o rei <u>lhe disse</u>: “O que <u>me pedes</u>, Ester; o que <u>queres</u> que eu faça? Ainda que <u>me pedisses</u> a metade do meu reino, ela te seria concedida”. ³Ester <u>respondeu-lhe</u>: “Se ganhei as tuas boas graças, ó rei, e se for de teu agrado, <u>concede-me</u> a vida, eis o meu pedido, e a vida do meu povo, eis o meu desejo!” – Palavra do Senhor.</p> <p>Salmo responsorial 44(45)</p> <p><i>Escutai, minha filha, <u>olhai, ouvi isto</u>: / que o rei se encante com vossa beleza!</i></p> <p>1. Escutai, minha filha, <u>olhai, ouvi isto</u>: / “Esquecei vosso povo e a casa paterna! / Que o rei se encante com vossa beleza! /</p>
---	--

⁵ Folheto litúrgico trazido pelo aluno B, 8º ano, 2014.

Aula seis (quatro horas/aula)

Nesta aula, foi exibido aos alunos um vídeo de uma cena da novela Avenida Brasil (2012). Após a exibição contínua, reexibimos o vídeo, dessa vez fazendo pausas para que os alunos pudessem anotar as falas. Em seguida, pedimos aos alunos que seguissem a mesma metodologia das aulas anteriores, ou seja, destacassem, nas falas registradas, as ocorrências de flexão de pessoa e número tais como as encontradas na conjugação clássica e depois escrevessem quais palavras eles usavam para substituir essas flexões, e ainda destacassem quais ocorrências já apareciam nas falas substituindo os usos clássicos.

Atividade 4⁶

Escola Mun. Barnabé Pereira do Nascimento
Aluno:
Professora: Michelle

Novela Avenida Brasil

Max = Desculpa tô aqui pensando, depois desse discurso aí da Ivana fiquei sem palavras mesmo.

Ivana = Max, eu continuo te amando e muito, mas é justamente por isso e pela nossa felicidade que eu quero que todo mundo aqui nessa casa tenha certeza e que você tá voltando pra mim porque também me ama, não porque vai ter alguma vantagem material.

Carminha = Cunha, eu não tô te entendendo.

Max = Ivana, pera aí, o que cê tá querendo insinuar? Que eu tô com você até hoje é porque, porque eu tô me sentindo aqui acomodado, confortável, tenho interesse em alguma coisa?

Ivana = Não tô querendo insinuar nada, meu amor eu só quero ter do meu lado um marido normal, como os outros sabe? Trabalhador, cumpridor dos seus deveres.

PESQUISAR MAIS SOBRE ESSA MATÉRIA:

credeal

Escola Mun. Barnabé Pereira do Nascimento

Aluno:

Professora: Michelle

Novela Avenida Brasil

Max: Desculpa, tô aqui pensando, depois desse discurso aí da Ivana fiquei sem palavras mesmo.

Ivana: Max, eu continuo te amando e muito, mas é justamente por isso e pela nossa felicidade que eu quero que todo mundo aqui nessa casa tenha certeza de que você tá voltando pra mim porque também me ama, não porque vai ter alguma vantagem material.

Carminha: Cunha, eu não tô te entendendo.

Max: Ivana, pera aí, o que cê tá querendo insinuar? Que eu tô com você até hoje é porque, porque eu tô me sentindo aqui acomodado, confortável, tenho interesse em alguma coisa?

Ivana: Não tô querendo insinuar nada, meu amor, eu só quero ter do meu lado um marido normal, como os outros sabe? Trabalhador, cumpridor dos seus deveres.

⁶ Texto transcrito pelo aluno F, 8º ano, 2014.

Tabela 2⁷

Novela			Flexões clássicas retiradas do trecho da novela exibida.	Flexões comparadas com a clássica que, segundo a aluna, são usadas por ela.	Flexões usuais que substituem os usos clássicos.
Flexões clássicas	Como eu falo e escrevo	Flexões usuais			
Eu continuo	Eu continuo	Tô, você tá, cê tá, eu tô,	Eu continuo	Eu continuo	Tô; você tá; Cê tá; eu tô;
Eu quero	Eu quero	eu tô, tu ficou,	Eu quero	Eu quero	Você; tu ficou;
Eu deixei	Eu deixei	agente	Eu deixei	Eu deixei	A gente.
Ele tem	Ele tem		Ele tem	Ele tem	

Os alunos se mostraram bastante animados com a exibição do vídeo, todos gostavam de novela. Nós os ajudamos durante as transcrições das falas, principalmente no que dizia respeito à pontuação; quanto às ocorrências das flexões nas falas das personagens, os alunos relataram que, até aquele momento, o texto que mais parecia com a forma que eles usavam era aquele que usava muitas expressões ditas pelas personagens, como por exemplo, “a gente”, “tô”, “cê tá”; como também relataram que as falas das personagens não apresentavam muitas palavras difíceis de entender - quem sabe isso possa explicar tamanha popularidade que a referida novela alcançou em todo país.

Aula sete (quatro horas/aula)

Durante essa aula, exibimos trechos do último debate presidencial das eleições de 2014, repetindo a dinâmica da aula anterior, reexibimos o vídeo para que os alunos fizessem as devidas anotações, destacando as ocorrências de flexão que iam de encontro com a conjugação clássica, para após escreverem quais palavras usavam para substituir tais flexões, e, por fim, destacar quais ocorrências já substituíam os usos clássicos.

⁷ Tabela feita pelo aluno F, 8º ano, 2014.

Atividade 5⁸

DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB

Escola Municipal Barnabé Pereira do Nascimento
 Aluno:
 Professora: Michelle

Último debate presidencial realizado entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves.

Pergunta do eleitor 1: Meu nome é Luiz Alexandre Pires, eu tenho 42 dois anos, motorista. Qual será a sua política para quem mora de aluguel? Pois está cada vez mais difícil e muito mais caro alugar uma casa, os preços estão muito acima da inflação, moro há quinze anos e o meu aluguel triplicou nos últimos quatro anos.

Candidata Dilma: Luiz Alexandre, muito boa pergunta, cê vai me dar oportunidade pra mim falar do Minha casa minha vida. O minha casa minha vida contempla quem quer ter e comprar um imóvel até cinco mil reais, com vários níveis de subsídios, até mil e seiscentos e subsídios maior, essas duas outras faixas também tem subsídios que facilita a você a pagar a prestação não comprometendo muito a sua renda, e ao mesmo tempo garante uma série de vantagens, como por exemplo você não paga seguro porque nós assumimos lá o seguro e você também não tem de dar garantias, porque a gente tem um fundo garantidor. Assim, Luiz Alexandre, nós vamos fazer, se eu for eleita.

Escola Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Aluno:

Professor (a): Michelle

Último debate presidencial realizado entre os candidatos Dilma Rousseff e Aécio Neves.

Pergunta do eleitor 1: Meu nome é Luiz Alexandre Pires, eu tenho 42 dois anos, motorista. Qual será a sua política para quem mora de aluguel? Pois está cada vez mais difícil e muito mais caro alugar uma casa, os preços estão muito acima da inflação. Moro há quinze anos e o meu aluguel triplicou nos últimos quatro anos.

Candidata Dilma: Luiz Alexandre, muito boa pergunta, cê vai me dar oportunidade pra mim falar do Minha casa minha vida. O minha casa minha vida contempla quem quer ter e comprar um imóvel até cinco mil reais, com vários níveis de subsídios, até mil e seiscentos e subsídios maior, essas duas outras faixas também tem subsídios que facilita a você a pagar a prestação não comprometendo muito a sua renda, e ao mesmo tempo garante uma série de vantagens, como por exemplo você não pagar seguro, porque nós assumimos lá o seguro e você também não tem de dar garantias, porque a gente tem um fundo garantidor. Assim, Luiz Alexandre, nós vamos fazer, se eu for eleita

mais três milhões de casas do Minha casa minha vida e vamos reajustar as faixas de renda, ampliando as faixas de renda, porque de quatro em quatro anos a gente faz isso. A gente amplia as faixas de renda, assim eu tenho certeza que você vai poder ser uma das pessoas contempladas, caso seja sorteado, porque é um processo bastante democrático, pra impedir que haja uso político e um processo bastante democrático pra impedir que haja uso político e manipulação, não passa por nenhum órgão político, passa diretamente do empresário com você, o empresário que vai construir a casa e a gente não financia com o empresário, a gente financia diretamente a você.

Pergunta do eleitor 2: Meu nome é Renata, tenho trinta e oito anos e sou contadora, desde que eu me entendo por gente ouço dizer que o Brasil é o país do futuro, sempre ouvi candidatos afirmando que iriam transformar a nossa educação, as nossas escolas, que iriam valorizar o trabalho dos professores, o que o candidato pretende fazer para que este futuro seja possível para os nossos filhos? e que o Brasil do presente valorize e respeite a educação.

Candidato Aécio: Renata, eu respondo com uma alegria enorme a sua pergunta e a cumprimento, estive na sua terra essa

mais três milhões de casas do Minha casa minha vida e vamos reajustar as faixas de renda, ampliando as faixas de renda, porque de quatro em quatro anos a gente faz isso. A gente amplia as faixas de renda, assim eu tenho certeza que você vai poder ser uma das pessoas contempladas, caso seja sorteado, porque é um processo bastante democrático, pra impedir que haja uso político e manipulação, não passa por nenhum órgão político, passa diretamente do empresário com você, o empresário que vai construir a casa e a gente não financia com o empresário, a gente financia diretamente a você.

Pergunta do eleitor 2: Meu nome é Renata, tenho trinta e oito anos e sou contadora, desde que eu me entendo por gente ouço dizer que o Brasil é o país do futuro, sempre ouvi candidatos afirmando que iriam transformar a nossa educação, as nossas escolas, que iriam valorizar o trabalho dos professores, o que o candidato pretende fazer para que este futuro seja possível para os nossos filhos? e que o Brasil do presente valorize e respeite a educação.

Candidato Aécio: Renata, eu respondo com uma alegria enorme a sua pergunta e a cumprimento, estive na sua terra essa

⁸ Texto transcrito pelo aluno H, 8º ano, 2014.

semana, peço que leve um abraço ao povo do Pará, de Belém e realmente se não enfrentarmos com coragem, não com promessa, mas com coragem a questão da baixíssima qualidade da educação no Brasil, nós não vamos a lugar algum, esse é o grande desafio, essa é a grande questão. Eu fui governador de Minas, Renata, e consegui fazer com que Minas Gerais, que o estado que tem o maior número de municípios do Brasil, são 853, é um estado interterogêneo porque nós temos lá, pra muito orgulho nosso, o nordeste encostado no nosso território, consequimos fazer com que Minas tivesse a melhor educação do Brasil, a minha proposta é fazer isso em todo o Brasil. Nós vamos começar pelas creches, e as creches tiverem recursos públicos no nosso governo, vão ficar abertas até oito horas da noite, com as pré-escolas, que vão receber crianças de até quatro anos de idade, também com qualidade ficarão abertas até esse horário.

semana, peço que leve um abraço ao povo do Pará, de Belém e realmente se não enfrentarmos com coragem, não com promessa, mas com coragem a questão da baixíssima qualidade da educação no Brasil, nós não vamos a lugar algum, esse é o grande desafio, essa é a grande questão. Eu fui governador de Minas, Renata, e consegui fazer com que Minas Gerais, que o estado que tem o maior número de municípios do Brasil, são 853, é um estado interterogêneo porque nós temos lá, pra muito orgulho nosso, o nordeste encostado no nosso território, consequimos fazer com que Minas tivesse a melhor educação do Brasil, a minha proposta é fazer isso em todo o Brasil. Nós vamos começar pelas creches, e as creches tiverem recursos público no nosso governo, vão ficar abertas até oito horas da noite, com as pré-escolas, que vão receber crianças de até quatro anos de idade, também com qualidade ficarão abertas até esse horário.

Tabela 3⁹

Flexões clássicas retiradas do trecho do debate exibido.	Flexões comparadas com a clássica que, segundo a aluna, são usadas por ela.	Flexões usuais que substituímos usos clássicos.
Está	Tá	cê vai, você,
Estão	Tão	a gente tem,
Nós assumimos	A gente assumiu	a gente amplia,
Nós vamos fazer	A gente vai fazer	a gente financia,
Eu for	Eu for	
Vamos	Vamo	
Eu tenho	Eu tenho	
Eu me entendo	Eu me entendo	
Eu respondo	Eu respondo	
Estive	Tive	
Se não enfrentarmos	Se a gente não enfrentar	
Nós não vamos	A gente não vai	
Eu fui	Eu fui	
Consequimos fazer	A gente conseguiu fazer	
Nos vamos	A gente vai	
Vão ficar	Vai ficar	
Vão receber	Vai receber	
Ficarão	Vai ficar	

⁹ Tabela feita pelo aluno H, 8º ano, 2014.

Os alunos relataram que compreenderam mais a fala da candidata Dilma, que o candidato Aécio falava muito rápido; expliquei a eles que esse não era o objetivo do trabalho, observar a dicção da fala de cada candidato, e sim observar as devidas ocorrências de pessoa e número dos verbos. Quando questionados sobre qual candidato usava palavras mais parecidas com as que eles empregavam, todos responderam que seria a candidata Dilma, que usava termos como “a gente” e “você”.

Aula oito (duas horas/aula)

Nesta, que foi a última aula do projeto, entregamos aos alunos questionários a fim de avaliarem a sua perspectiva em relação ao trabalho desenvolvido, bem como avaliar de que forma os alunos julgaram absorver melhor o conteúdo trabalhado, se a partir da perspectiva da gramática normativa, ou a partir da proposta da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, buscando entender qual das duas perspectivas aproximava mais o que eles aprenderam, em sala de aula, com a língua que usam em suas práticas sociais. Os alunos usaram as duas aulas respondendo o referido questionário.

4.3 QUESTIONÁRIO AVALIATIVO: PERSPECTIVAS DOS ALUNOS QUANTO AS ATIVIDADES REALIZADAS EM SALA DE AULA

Passemos agora para a análise do questionário aplicado. O questionário era composto por cinco questões.

1. O que você entende por gramática?
2. Você acredita que utiliza os saberes adquiridos nas aulas de Língua Portuguesa em suas interações sociais (em casa, no trabalho etc.)?
3. Você gosta de estudar verbos?
4. Qual das duas formas de estudar os verbos você achou menos complicada: o estudo por meio das tabelas de flexão das gramáticas normativas e resolução dos exercícios propostos, ou o estudo a partir da crônica, dos textos diversos e dos trechos retirados da novela e debates exibidos?
5. Deixe aqui suas sugestões ou críticas em relação ao projeto desenvolvido.

Para cada questão apresentaremos, de forma geral, considerações referentes às respostas dos alunos, buscando perceber o seu processo de compreensão em relação ao conteúdo e à forma como foi trabalhado esse conteúdo em sala de aula. Para fins de ilustração, apresentaremos extratos dos questionários respondidos pelos alunos.

Quanto à questão '1', observamos que os alunos ainda se embaraçavam ao se deparar com o termo 'gramática': a maioria deles respondeu não saber o significado, outros responderam que se tratava do estudo do português, e apenas dois alunos responderam que a gramática eram as regras e normas da língua. Isso nos mostra, de modo geral, que, para os alunos, esse termo causa muita confusão, ainda não distinguindo exatamente, mesmo com as aulas de língua portuguesa, o que são conteúdos gramaticais ou não, ou que são as regras de uso da língua. Em sua maioria confundem o conceito de gramática com as aulas de LP.

Quando perguntados se julgavam utilizar os saberes adquiridos nas aulas de língua portuguesa em suas interações sociais (a segunda questão do nosso questionário), dos doze alunos presentes, apenas dois responderam que "não", os dez restantes responderam "sim", resposta que aqui está sendo compreendida como indício de que

esses alunos já reconhecem a língua portuguesa como algo que faz parte do seu dia-a-dia, estabelecendo relação, portanto, com uma gramática intuitiva, já que usam a língua para se comunicar no seu cotidiano de forma espontânea, logo sabendo falar português.

Podemos atribuir esse resultado, também, ao fato de os alunos considerarem fazer uso dos saberes adquiridos nas aulas pelo simples fato de frequentarem a escola, deixando nos alunos a impressão de que o estudo das regras gramaticais lhes garante o bom uso da norma; a respeito disso, Neves (2013, p. 74) constata que:

Deixa inserido na história da vida escolar dos alunos a sensação – frustrantemente falsa – de que, cumprido um ritual, isto é, tocada uma norma postiza, quase abstrata porque divorciada do real uso da língua, aprendeu-se gramática do português, aquela sensação que a escola, um dia, deu a cada um de nós, de quem decora aquele quadro sabe bem comparar em português. (2013, p. 74)

Em relação à terceira pergunta (Você gosta de estudar verbos?), as respostas dos alunos deixaram em evidência a sua opinião negativa em relação ao estudo dos verbos; pelo menos 90% da turma afirmaram não gostar de estudar verbos, demonstrando que ainda veem o estudo desse conteúdo como algo de difícil compreensão, concordando com o que afirma Ferrarezi Junior, sobre o estudo dos verbos, quando afirma que:

Estudar o verbo – o que deveria ser um prazer para os alunos, pois é parte importantíssima da língua falada cotidianamente – acabou se tornando um exercício pouco salutar e nada interessante, de dogmatismo gramatical injustificável. Os alunos, em sua quase totalidade, odeiam, e o país é prejudicado. (FERRAREZI JUNIOR, 2014, p. 10)

Ainda que não tenhamos aprofundando o estudo em relação aos conteúdos, restringindo-o à flexão de pessoa e número dos verbos, as dificuldades encontradas por eles foram muitas.

Em relação à quarta questão, que questionava os alunos sobre qual das duas formas de estudar os verbos eles achavam menos complicada, tivemos respostas diversas, um dos alunos disse que havia gostado das duas formas e que não tinha visto muita diferença entre elas. Outro aluno disse que as duas propostas eram chatas, que dava muito trabalho resolver os exercícios e criar as tabelas solicitadas.

“Eu achei que aprendi em todas as aulas, não vi diferença uma da outra”.
(Aluno P)

“Eu acho que as aulas (sic) foram difíceis (sic) era muita coisa pra fazer, responder um monte chato”. (Aluno G)

Alguns alunos afirmaram que acharam o estudo dos verbos a partir dos textos menos complicado, mas não deram maiores detalhes em suas respostas; já um dos alunos respondeu que acreditava que as duas propostas eram boas, que a primeira ensinava a usar os verbos da forma correta, na forma que será cobrada nos exames, e a última o fazia perceber que a forma como ele falava e escrevia não era tão errada assim, pois era a forma como várias outras pessoas falavam também. Outro aluno respondeu que achava que tinha tido dificuldade nas duas propostas, que achou que teve até mais trabalho na segunda parte da proposta, pois tinha que ficar montando tabelas e fazendo comparações.

“Eu achei das duas difíceis (sic) a segunda mais, por causa daquelas tabelas e comparações” (Aluno D)

“Eu gostei da primeira parte porque aprendi sobre os verbos da forma que vai cair na prova, e da segunda também porque eu vi que não falo tão errado assim, pois muita gente fala como eu até a presidente” (Aluno K)

A quinta e última questão deixava um espaço aberto para os alunos tecerem comentários e críticas em relação ao projeto desenvolvido com eles, os alunos usaram respostas bem delimitadas, como, por exemplo, “foi bom”, “legal”, “gostei”, transcrevemos abaixo as poucas respostas mais extensas que surgiram:

“As aulas foram legais, gostei de assistir os vídeos da novela e do debate, só não gostei de fazer aquelas tabelas”. (Aluno K)

“Eu achei um pouco chato, porque foi muito trabalho pra mim, mas foi bom”. (Aluno C)

“Repetia sempre a mesma coisa, só mudava os textos” (Aluno J)

4.4 VERIFICANDO AS VANTAGENS OU DESVANTAGENS DA PROPOSTA DA GRAMÁTICA DE BAGNO.

Os resultados do questionário nos trazem evidências de que os alunos não conseguiram constatar diferenças efetivas entre as duas propostas, que, mesmo utilizando textos de diferentes gêneros, os alunos se apegaram muito à metodologia das aulas, à tarefa de identificar as ocorrências de flexão (pessoa e número) nos textos; e

fazer as comparações em relação à tabela clássica foi um peso para a maioria dos alunos - talvez possamos apontar esse fato como uma desvantagem da proposta pretendida por Bagno. O fato de ter que estudar o conteúdo, em um primeiro momento, a partir da gramática normativa, para depois estudar o mesmo conteúdo a partir de diversos textos, torna-se algo cansativo para os alunos, que já se sentem fatigados em estudar apenas a primeira opção.

Outro ponto que acusamos como desvantagem na proposta foi o tempo necessário para a sua efetivação: apresentar o conteúdo a partir de mais de uma gramática normativa, ou livro didático, depois selecionar textos variados para serem analisados pelos alunos e fazer as análises, tudo isso requer bastante tempo, tempo este que está cada vez mais curto nas escolas, pois são muitos os conteúdos a serem trabalhados. Para termos uma noção, restringimos o projeto a apenas o estudo da flexão verbal de pessoa e número e ainda sim consumimos vinte e seis aulas da turma, isso equivale a quase metade das aulas bimestrais, sem falar nos projetos de culminância que a escola tem de seguir à risca, extraíndo um bom período das aulas.

O que poderíamos citar como vantagem na proposta desenvolvida foi o fato de poder levar para a sala de aula textos que vão além do livro didático, mesmo como o tempo que isso requer. Outro fato que achamos positivo, também, foi de conscientizar o aluno quanto à importância de seus usos linguísticos, pois pôde ver que os dizeres usados por eles são usados por diversas outras pessoas em diversos tipos de textos, como também perceber as mudanças que a língua sofre a cada dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o trabalho desenvolvido foi enriquecedor, tanto para nós quanto para os alunos envolvidos no projeto de intervenção. Por mais que o autor tenha direcionado sua proposta, especialmente para professores em formação ou já formados, acreditamos que o seu objetivo maior, seja que os conhecimentos gramaticais alcancem as salas de aulas regidas por tais profissionais, é de fato alcançado.

Entretanto percebemos que a proposta apresentada por Bagno, por mais inovadora que possa realmente ser, não se ajusta à realidade das salas de aula do Brasil. No decorrer da efetivação do projeto foi possível perceber que os alunos ainda encontram muitas dificuldades quando o assunto são os verbos, e que essas dificuldades não foram totalmente sanadas durante o projeto de intervenção aplicado. Não dá para afirmar que os alunos aprenderam melhor ou pior a partir da perspectiva da gramática normativa ou da gramática de Bagno.

A tentativa de Bagno é louvável, mas se a seguirmos à risca, o trabalho fica realmente extenso e é aí que esbarramos na falta de tempo que atormenta a maioria dos professores. Confessamos que, para nós, face ao escasso tempo, é mais prático recorrer ao livro didático que já apresenta os conteúdos e exercícios a serem trabalhados. Se a cada conteúdo gramatical tivermos que pesquisar textos diversos e pedir que os alunos façam as comparações que Bagno propõe, chegaríamos ao fim do ano letivo sem cumprir metade dos objetivos propostos para o ano escolar.

Percebemos que o ensino da gramática normativa deve ser mantido nas escolas, pelo menos enquanto prevalecer nas diversas provas e exames a que os alunos são submetidos, pois é ela que será cobrada dos alunos, seja na sua vida escolar, acadêmica ou profissional. Enquanto não houver uma mudança dos conteúdos que são cobrados dos alunos nesses exames, não se pode deixar de ensinar esses conteúdos na perspectiva normativa, é um direito deles. Claro que devemos sempre buscar a melhoria de aplicabilidade desse ensino gramatical, e as dicas de Bagno nos ajudam nessa tarefa, entretanto é impossível segui-las ao pé da letra, ou seja, trabalhando o mesmo conteúdo na perspectiva normativa e após isso na perspectiva da proposta de Bagno, não haveria tempo.

Dessa forma, concluímos que, no contexto de nossa pesquisa/realidade, não é possível aplicar, em todos os conteúdos gramaticais e na íntegra, o que Bagno propõe; entretanto, acreditamos que seria interessante que os professores, assim como fizemos nesse trabalho, nomeassem um ou dois conteúdos gramaticais a cada ano letivo e restringissem a aplicação da proposta a esse conteúdo em forma de projeto. Assim, o professor teria a oportunidade de mostrar aos alunos as mudanças linguísticas, como também proporcionar uma reflexão em relação à língua e seus usos. Acreditamos que assim não faríamos a exclusão de nenhuma das propostas, mas sim um meio termo no ensino da gramática, de modo que o seu aprendizado seria feito de forma mais consciente e que o respeito à individualidade linguística se tornasse rotina.

Acreditamos, também, que nós, professores, podemos buscar alternativas além do livro didático, mesmo que isso não seja feito diariamente, fugindo do estudo da regra pela regra, dos exercícios sempre mecânicos, levando o aluno a refletir sobre o que está fazendo e aprendendo, buscando relacionar esse ensino com os usos cotidianos dos alunos. Nesse sentido, a proposta de Bagno proporciona a nós professores boas dicas, tratando-se de uma gramática para ser usada como suporte ao professor, mas não aplicada diretamente aos alunos em sala de aula. Acreditamos que essa gramática no ajudará na tarefa de mostrar aos nossos alunos a importância de saber utilizar a norma culta padrão, e ao mesmo tempo mostrar que a língua apresenta variedade e que essas variedades também são corretas, mas que só devem ser usadas em determinadas situações da fala e escrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Reinaldo. **Este é o sacerdote do erro; é ele o burguês do socialismo na língua portuguesa; é ele quem faz de Lula uma teoria de resistência linguística! Veja, São Paulo, 18 de mai.2011. Disponível em:**

<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/este-e-o-sacerdote-do-erro-e-ele-o-burgues-do-socialismo-na-lingua-portuguesa-e-ele-quem-faz-de-lula-uma-teoria-de-resistencia-linguistica>>. Acesso em 6 jan.2015.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____. Uma gramática propositiva. In: GALVÃO, Vânia Cristina Casseb. NEVES, Maria Helena de Moura (Orgs). **Gramáticas contemporâneas do Português: com a palavra, os autores.** São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BALTHASAR, Marisa; FIGUEIREDO, Laura e GOULAT, Shirley. **Singular & plural: leitura, produção e estudos de linguagem, 7º ano – 1. Ed – São Paulo: Moderna, 2012.**

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa.** 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BERNARDES, Carmo. **Rememórias Dois.** Goiânia: Leal, 1969.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e Educação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Introdução. Ensino Fundamental 3º e 4º ciclos. Brasília: MEC/ Secretaria de Educação Fundamental , 1998.

CAETANO, Marcelo Moraes. História da gramaticografia da classe dos verbos em Língua Portuguesa. In: **Revista Philologus**, Ano 19, N° 55, p. 405 – 420. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2013.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

CASTRO, Maria da Conceição e DELMANTO, Dileta. **Português : Ideias & Linguagens - 6ª ano**. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008.

FRAGOSO, Luane da Costa Pinto Lins. A gramática funcional e o Processo de gramaticalização. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades – ISSN-1678-3182**, 2003.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo “gramática”?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FERRAREZI JUNIOR, Celso. **O estudo dos verbos na educação básica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FONTES. Arlinda Maria Caetano. Gramática Pedagógica ou Gramática Histórica? **Língua@ Nostr@**. Canoas/RS, V. 1, N. 1, p. 266-267, janeiro / junho de 2013.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 46ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

LIMA, Rosângela Borges. **Estudo da norma escrita brasileira em textos jornalísticos e técnicos-científicos**. 2003.342f. Tese (Doutorado em Linguística)-Faculdade de Letras da UFMG, 2003.

LOPES, Carlos Alberto Gonçalves. **Análise crítica de alguns tópicos da gramática normativa adotada nas escolas brasileiras**. *Cadernos do CNLF*, Vol. XIV, Nº 4, t. 3, p. 2309-2323, agosto. 2010.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2013.

NOGUEIRA, Maria Alice Nogueira; Catani, Afrânio. (Orgs.) (1998). **Pierre Bourdieu. Escritos em Educação**. Petrópolis: Vozes.

NUNES, Gisele da Paz. **O ensino de Gramática nas escolas de ensino fundamental: A questão do verbo** – MG, 2001. 114f. Dissertação (Mestrado em linguística) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

PERINI, Mario. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 1996.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. 44ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Sobre a Gramática (anti)pedagógica de Marcos Bagno**. 15 de jan. 2013. Disponível em <http://luizrochinha.blogspot.com.br/2013/01/sobre-gramatica-antipedagogica-de.html>. Acesso em: 4 dez.2014.

SILVA, R. V. M. e. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, 2000.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2009.

VARGAS, Maria Valéria Aderson de Mello. O ensino do verbo: tempo e aspecto como categorias semântico-discursivas. In: **Revista Linha d'água**. Edição especial 30 anos, p.119 – 131, 2010. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/62347/65151>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

ANEXOS – PLANOS DE AULA

PLANO DE AULA I

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Apresentação da proposta à turma.

OBJETIVOS:

Geral:

- Apresentar à turma a proposta de trabalho a ser desenvolvida

Específicos:

- Explicar a dinâmica da realização das atividades, como também esclarecer que a identidade de cada um será preservada na pesquisa;
- Conscientizar os alunos quanto a importância da participação de cada um no projeto a ser desenvolvido.

METODOLOGIA

Em uma aula expositiva, tentaremos mostrar aos alunos os objetivos da pesquisa, como também esclarecer de quem forma a mesma será realizada.

RECURSOS:

Slide, data show.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Duas horas/aula.

PLANO DE AULA II

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir das gramáticas de Domingos *Paschoal Cegalla* e *Luiz Antônio Sacconi*.

OBJETIVOS:

Geral:

- Trabalhar o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da gramática normativa.

Específicos:

- Apresentar aos alunos o quadro da conjugação verbal de pessoa e número tais como são apresentados em duas gramáticas normativas;
- Garantir ao aluno o acesso à norma padrão da Língua Portuguesa;
- Conscientizar os alunos quanto a importância da aprendizagem das regras que regem nossa língua, para que dela façam uso em situações que a exigirem.

METODOLOGIA

Em três aulas expositivas, apresentar aos alunos o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir das gramáticas de Paschoal e Sacconi. Após isso, debater com os alunos sobre a conjugação apresentada, instigá-los a pensar se eles realmente usam todas as flexões da tabela clássica presente nas gramáticas normativas que lhes foram apresentadas, e em quais situações. Serão instigados, também, a pensarem nas palavras que eles costumam usar no lugar de algumas dessas flexões.

RECURSOS:

Slide, data show, gramática de Domingos *Paschoal Cegalla* e *Luiz Antônio Sacconi*.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Três horas/aula.

PLANO DE AULA III

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir das gramáticas de Domingos *Paschoal Cegalla* e Luiz Antônio *Sacconi*.

OBJETIVOS:

Geral:

- Aplicar exercício de fixação sobre flexão do verbal de pessoa e número de alguns verbos para memorização do conteúdo ministrado.

Específicos:

- Aplicar exercício de fixação, onde os alunos irão preencher tabelas flexionando alguns verbos quanto a pessoa e número;
- Propor aos alunos que façam exercícios de fixação do conteúdo;
- Instigar os alunos a debaterem sobre o método utilizado.

METODOLOGIA

Serão distribuídos aos alunos exercício com questão voltadas para a flexão verbal de pessoa e número, extraídos das gramáticas de Domingos *Paschoal Cegalla* e Luiz Antônio *Sacconi*. Logo após a aplicação de exercício, proporemos aos alunos que falem sobre suas impressões sobre o tipo de exercício aplicado.

RECURSOS:

Exercício impresso, quadro, giz.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Três horas/aula.

PLANO DE AULA IV

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno.

OBJETIVOS:

Geral:

Trabalhar o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno.

Específicos:

- Identificar, na crônica “O lixo”, de Luis Fernando Veríssimo, as flexões de pessoa e número dos verbos que vão de encontro com a tabela da conjugação clássica presente nas gramáticas normativas e livros didáticos;
- Identificar, na mesma crônica, as palavras que substituem os usos clássicos da conjugação verbal de pessoa e número dos verbos presentes no texto.

METODOLOGIA

Distribuir aos alunos texto da crônica “O lixo”, de Luis Fernando Veríssimo. Em um primeiro momento os alunos farão uma leitura individual do texto. Logo após faremos uma leitura compartilhada e uma discussão acerca da crônica lida. Em seguida, pediremos aos alunos que identifiquem na crônica as ocorrências de usos clássicos da flexão verbal de pessoa e número presentes no texto. Feita tal identificação, pediremos aos alunos que identifiquem, também, que palavras aparecem substituindo os usos clássicos de algumas flexões verbais de pessoa e número.

RECURSOS:

Texto impresso da crônica “O Lixo”, de Luis Fernando Veríssimo, quadro e giz.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Quatro horas/aula.

PLANO DE AULA V

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno.

OBJETIVOS:

Geral:

Trabalhar o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da Gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno.

Específicos:

- Identificar, textos trazidos pelos alunos, ocorrências de flexões de pessoa e número dos verbos que vão de encontro com a tabela da conjugação clássica presente nas gramáticas normativas e livros didáticos;
- Identificar, nos mesmos textos, as palavras que substituem os usos clássicos da conjugação verbal de pessoa e número dos verbos.

METODOLOGIA

Será solicitado, aos alunos, que pesquisassem e tragam para a sala de aula textos que usam em casa ou que costumam ler em seus convívios sociais. Com os textos mãos, será pedido aos alunos que identifiquem as ocorrências de usos clássicos da flexão verbal de pessoa e número presentes nos textos. Feita tal identificação, pediremos aos alunos que identifiquem, também, que palavras aparecem substituindo os usos clássicos de algumas flexões verbais de pessoa e número.

RECURSOS:

Textos diversos.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Quatro horas/aula.

PLANO DE AULA VI

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*, de Marcos Bagno.

OBJETIVOS:

Geral:

- Trabalhar o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da Gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno.

Específicos:

- Identificar, em trechos de capítulos da novela “Avenida Brasil (2012), as ocorrências de flexões de pessoa e número dos verbos que vão de encontro com a tabela da conjugação clássica presente nas gramáticas normativas e livros didáticos;
- Identificar, nos mesmos trechos, as palavras que substituem os usos clássicos da conjugação verbal de pessoa e número dos verbos.

METODOLOGIA

Será exibido algumas cenas da novela “Avenida Brasil”, após isso, será solicitado aos alunos que identifiquem, nos trechos exibidos, as ocorrências de usos clássicos da flexão verbal de pessoa e número. Feita tal identificação, pediremos aos alunos que identifiquem, também, que palavras aparecem substituindo os usos clássicos de algumas flexões verbais de pessoa e número.

RECURSOS:

Data show, vídeos baixados da web, papel chamex.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Quatro horas/aula.

PLANO DE AULA VII

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da Gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno.

OBJETIVOS:

Geral:

Trabalhar o conteúdo da flexão verbal de pessoa e número a partir da perspectiva da Gramática pedagógica do português brasileiro, de Marcos Bagno.

Específicos:

- Identificar, em trechos do último debate presidencial de 2014, as ocorrências de flexões de pessoa e número dos verbos que vão de encontro com a tabela da conjugação clássica presente nas gramáticas normativas e livros didáticos;
- Identificar, nos mesmos trechos, as palavras que substituem os usos clássicos da conjugação verbal de pessoa e número dos verbos.

METODOLOGIA

Será exibido alguns trechos do último debate presidencial de 2014, após isso será solicitado aos alunos que identifiquem, nos trechos exibidos, as ocorrências de usos clássicos da flexão verbal de pessoa e número. Feita tal identificação, pediremos aos alunos que identifiquem, também, que palavras aparecem substituindo os usos clássicos de algumas flexões verbais de pessoa e número.

RECURSOS:

Data show, vídeos baixados da web, papel chamex.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Quatro horas/aula.

PLANO DE AULA VIII

Escola: Municipal Barnabé Pereira do Nascimento

Turma: 8º ano do Ensino Fundamental

CONTEÚDO - ATIVIDADE:

Avaliação do trabalho realizado na turma.

OBJETIVOS:

Geral:

- Avaliar, juntamente com os alunos, a produtividade do estudo desse conteúdo nas duas perspectivas proposta;

Específicos:

- Avaliar, através de questionários, a perspectiva dos alunos em relação ao trabalho desenvolvido;
- Avaliar de que forma os alunos julgam terem absolvido melhor o conteúdo trabalho, de a partir da perspectiva da gramática normativa, ou a partir da proposta da *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*.

METODOLOGIA

Será entregue aos alunos um questionário com perguntas voltadas para a avaliação do trabalho realizado. Será pedido que os alunos avaliem as duas perspectiva com as quais o conteúdo foi ministrado, buscando saber dos alunos, qual das duas perspectiva aproxima mais o que eles aprenderam, em sala de aula, com a língua que usam em suas práticas sociais.

RECURSOS:

Papel chamex.

TEMPO PARA REALIZAÇÃO DESSA ATIVIDADE:

Duas horas/aula.